



**Batizados
e enviados**

A missão evangelizadora do cristão

28 e 29 Setembro 2019

Seminário
Missionário
Verbo Divino
Fátima



OBRAS
MISSIONÁRIAS
PONTIFÍCIAS

APRESENTAÇÃO

As Jornadas Missionárias de 28-29 de setembro 2019 com o tema: *“Batizados e Enviados. A missão na ação evangelizadora do cristão”*, situaram-se dentro de dois marcos importantes da nossa caminhada missionária: O Mês Missionário Extraordinário de outubro 2019 para toda a Igreja universal declarado pelo papa Francisco com o tema: *“Batizados e Enviados. A Igreja de Cristo em Missão no mundo”*, e o Ano Missionário extraordinário que a Conferência Episcopal Portuguesa declarou com a Nota Pastoral: *“Todos, Tudo e Sempre em Missão”*.

Desde o início que o objetivo estava claro: “avivar um anúncio que oferece aos crentes, mesmo tíbios e não praticantes, uma nova alegria na fé e na fecundidade evangelizadora (EG 11).

Penso que as comunicações apresentadas pelos vários oradores levaram cada um dos participantes a uma maior profundidade do ser missionário hoje. Cada um pode descobrir que *cada igreja é fruto de uma missão*. Não é fácil compreender esta afirmação dentro do nosso contexto: é que para nós o cristianismo parece ser tão evidente que dá a sensação de que foi sempre assim, esquecendo que, também no nosso caso, existe uma Igreja porque alguém veio, de fora, semear essa semente do Evangelho. Nós também recebemos o dom da fé porque alguém veio pregar-nos, alguém veio batizar-nos, ensinar-nos como ser testemunhas de Jesus no mundo.

D. Manuel Linda, respondendo à questão: *Batizados e enviados. A Igreja de Cristo em Missão no mundo. Porquê? Para quê?* Ao acentuar como central o Documento do Vaticano II sobre a atividade missionária *Ad Gentes*, apela a uma redescoberta deste documento para a missão da Igreja. Sendo a sua “prioridade essencial”, diz que a missão não é uma simples

escolha ou opção: é uma tarefa essencial à fé e consequência necessária da adesão a Cristo.

Pelo Batismo estabelece-se uma relação íntima, exclusiva, total com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, nascendo daí o desejo de anunciar esta intimidade, esta revelação, este testemunho de dar a conhecer Alguém que me ama.

Deste modo, pertencer à Igreja é ser instrumento funcional da redenção de todos. É contribuir, com o máximo das forças e com o dinamismo possível, para que, em todos os horizontes universais, Deus seja conhecido e amado e os homens vivam fraternalmente.

Eloy Bueno, em “*Missão como ‘intimidade itinerante’*”(EG 23), nas *igrejas locais...*” mostra como a Igreja local brota e nasce do dinamismo evangelizador. Dinamismo que reclama a existência de igrejas locais adultas, aspeto que tem de se medir pelo grau de compromisso na missão universal. É por isso que a evangelização leva sempre à evangelização. Não é algo que se realiza em algumas partes do mundo nem apenas em certas atividades, mas que envolve toda a realidade da Igreja.

Cada vez estamos mais conscientes de que somos cidadãos do mundo e que a missão da igreja consiste em proporcionar a realização afetiva e efetiva da grande família humana, algo consubstancial a uma fé que crê que Deus é Pai de todos os homens e mulheres.

No campo da evangelização, **José Antunes**, na sua “*Missão intercultural...*” diz que a interculturalidade é o caminho para ultrapassar quer posições de uniformidade, quer a pulverização em inúmeras versões eclesiais atomizadas e autónomas. O desafio da missão intercultural é criar uma situação nova onde as diferenças não sejam fator de conflitos insanáveis, mas onde os diferentes valores sejam partilhados, assumidos e,

se necessário for, transformados para melhor possibilitarem a cidadania da paz de que fala São Paulo na carta aos Efésios. E esta perspectiva introduz na missão uma enorme responsabilidade e constitui uma chamada permanente à humanidade de fazer chegar o amor de Deus a todos os homens.

A missão reclama e exige deixar-se guiar pelo Espírito, uma vez que é ele “o protagonista da missão”.

Qual o eco que hoje ouvimos? Para responder a esta questão, **D. António Couto**, aponta que o “*Espírito se manifesta como Pessoa e dom que convida a ir sempre mais além*”, mostrando a importância que implica o fato de seguir os impulsos do Espírito que: umas vezes envia para fora e outras chama desde a outra margem.

“*Fora*” encontra-se o coração do mundo, e somente saindo se pode perceber os seus latidos e as suas inquietações. Por conseguinte a pastoral necessita cruzar as margens e saltar fronteiras. A grande tentação das paróquias e dioceses é a comodidade e a instalação de quem se sente a gosto no jardim que rodeia o campanário e o templo.

O sopro do Espírito (a nova pastoral) necessita valorizar as saídas, a decisão de quem salta as margens. E todo o cristão deve sentir-se implicado na missão.

O Espírito que oferece a alegria da comunicação que recria permanentemente a comunhão, que impulsiona para fora, está também trazendo desde fora, chamando as igrejas desde o outro e desde a outra margem.

A partir do Pentecostes aquela Igreja inicial vai-se realizando em diversos lugares e entre diversas etnias e raças. Assim vão surgindo as múltiplas igrejas, também todas e cada uma das nossas igrejas em Portugal.

Cada uma das nossas igrejas vive desse dinamismo e tem de assumir como própria a mesma responsabilidade.

É importante que cada uma das nossas igrejas saiba viver de modo genuíno a frescura da fé e saiba descobrir de modo vivo o horizonte da missão. Daí que cada uma deve realizar um verdadeiro discernimento para saber em que medida as suas práticas atuais: pastorais e missionárias, fazem transparente essa lógica de fundo que é a única que justifica a sua existência no mundo, pois para isso foram convocadas (batizadas) e enviadas.

D. José Cordeiro, em *“Da Eucaristia à Missão. Para uma Pastoral missionária em saída”*, diz que em cada comunidade, a partir da liturgia, deve existir o espaço adequado para que a fé de cada crente seja também compromisso ativo, responsabilidade geradora de projetos de futuro, preocupação pelo destino do mundo e disposição para poder trazer e dar a sua própria contribuição.

“Todos, Tudo e Sempre em Missão” e sentir-se Batizados e Enviados, é “ser conscientes de que não será possível realizar uma obra eficaz de evangelização sem relançar o impulso missionário das nossas comunidades cristãs” como afirmava são João Paulo II¹.

É ter a sensibilidade para ver as coisas com os olhos amorosos de Deus desde as suas prioridades, e para adotar uma atitude na qual se conjugassem a crítica como a proposta, a sinceridade como o desejo de não ferir ninguém, a experiência com a misericórdia, a luta com a contemplação, o esforço com o agradecimento, a urgência com a paciência amorosa, a denúncia com a compreensão, o realismo com a esperança...

António Lopes
Diretor Nacional OMP – Portugal

¹ JOÃO PAULO II, Discurso al VI Simposio dei Vescovi d'Europa, in *Insegnamenti VII/2*, 1985, p. 917.

Batizados e enviados. Igreja de Cristo em Missão no mundo.

Porquê? Para quê?

D. Manuel da Silva Rodrigues Linda*²

1. Missões e missão

No seu jeito muito típico de comunicar, o Cardeal Seán O'Malley, conta que, ali pelos anos 60/70 do século passado, os Capuchinhos dos Estados Unidos tornaram-se tantos e tão motivados que o Provincial escreveu para Roma a pedir que enviassem alguns para as missões mais difíceis do mundo. A resposta não se fez demorada e, do Geral, veio a indicação: “Partam para a Papuásia”. Quase ao mesmo tempo, a Santa Sé nomeou um bispo de entre eles. Partiu o bispo e mais três missionários, seus irmãos de Congregação, para aquilo que viria a ser uma futura Diocese.

Passados dois ou três anos, em merecido tempo de descanso, um desses missionários voltou ao seu convento de origem, carregado de fotografias, para mostrar aos confrades as gentes e os ambientes com quem trabalhavam. Eram homens e mulheres com um osso atravessado no nariz, umas penas de aves espetadas no cabelo e praticamente mais nenhuma roupa a cobrir-lhes o corpo.

A dado momento, o missionário, entusiasmadíssimo, mostra a foto de um grupo de papuas e apresenta-os: “Estes são os membros do Conselho Pastoral Paroquial”. E, com o seu estilo jocoso, o Cardeal O'Malley solta dois desabafos: “Primeiro: se fosse hoje, o Superior Geral dos Capuchinhos ordenaria: «Quereis a missão mais difícil do mundo? Evangelizai os Estados Unidos». Segundo: com apenas dois ou três anos de missionação, na Papuásia, já deu para se sentir consciência eclesial e, assim, surgir um

² D. Manuel da Silva Rodrigues Linda é Bispo do Porto e Presidente da Comissão Episcopal de Missão e Nova Evangelização.

Conselho Pastoral Paroquial. E, na minha Arquidiocese de Boston, onde o cristianismo chegou há quinhentos anos, há vários padres que me dizem que ainda não o têm porque o não conseguem criar...”.

Para além do divertido desta história, há aqui imensos aspetos que nos devem levar a pensar. Que força interior leva os missionários a deixar a sua zona de conforto para partirem ao encontro do desconhecido e, muitas vezes, da doença, da solidão, do sofrimento e do martírio? Porque é que, em poucas décadas, se deixou de associar a palavra «missionário» ao padre ou à freira e, hoje, se aplica a todos os que partem em nome da fé? Porque é que não se faz missão por conta e risco do próprio, mas, para ser missionário, é preciso ser enviado? Numa época de especial sensibilidade e respeito pelas culturas autóctones, que razões presidem à inculturação e aculturação do Evangelho? A missão, na atualidade, tem fronteiras geográficas? Se as não tem, vamos abolir a tradicional distinção entre missões «ad gentes» e pastoral no seio das Igrejas de velha cristandade? Porque será mais fácil anunciar a Boa Nova da salvação na Papuásia do que nos Estados Unidos ou na Europa? Que distingue a missionação do trabalho de uma qualquer ONG, por mais respeitável que ela seja?

Evidentemente, o objetivo desta comunicação não é responder a estas questões, mas sim, a partir delas como pano de fundo, tentar refletir sobre a fundamentação eclesial e teológica da missão. Até porque a Igreja do nosso tempo, que é a Igreja do Vaticano II, nesse documento central que continua a ser o Decreto sobre a atividade missionária, o *Ad gentes*, garante-nos que, “enviada por Deus a todas as gentes para ser «sacramento universal de salvação», por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. [...] Por isso, este sagrado Concílio, agradecendo a Deus a grandiosa obra já realizada pelo esforço generoso de toda a Igreja, deseja

[..] reunir as forças de todos os fiéis, para que o Povo de Deus, continuando a seguir pelo caminho estreito da cruz, difunda por toda a parte o reino de Cristo, Senhor e perscrutador dos séculos, e prepare os caminhos para a sua vinda” (AG 1).

2. História da salvação e missão

A conhecida abertura da Carta aos Hebreus parte de uma fé comum ao velho Israel e a nós, povo da nova aliança: “Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo (Hb 1, 1). Não é preciso demonstrar o que se dá por adquirido: o nosso Deus é um Deus missionário, pois preocupa-se tanto com a humanidade que, ao longo da história, lhe envia um sem número de mensageiros, tais como os patriarcas, profetas, sacerdotes, as «mulheres fortes», reis, etc.

Mas tudo isso não passou de um longo prolegómeno, preparatório da revelação plena do seu plano: a comunhão amorosa e familiar entre Deus e o género humano, de tal maneira que Ele receba a glória que lhe pertence e nós encontremos a salvação. Este desígnio, ponto mais alto da revelação, não poderia ser atuado por qualquer homem, tal a profundidade do seu mistério. Porque é uma específica forma de vida, e não um mero anúncio. Por isso, Deus enviou o seu Filho para nos mostrar este novo horizonte. Não uma meta ou uma envolvimento simplesmente temporal. Mas uma plenitude, um cumprimento integral, uma completa ausência de qualquer carência que nós designamos, simplesmente, por salvação no amor e pelo amor. Eis, pois, um Deus que entra na história humana, pela Encarnação de seu Filho, para que o homem possa entrar na comunhão com Ele.

Esta ideia do envio, como específica missão, descobre-se facilmente a partir do verbo latino donde provêm estes dois conceitos: *mittere* (supino: *missum*). Enviar alguém é confiar-lhe uma missão precisa que deve ser executada na fidelidade à vontade de quem deu a ordem ou envia. Nesta linha de pensamento, Jesus não é apenas um missionário, mas o Mensageiro Maior: Ele não «fala» do Pai simplesmente, mas «mostra» o Pai. É o que revela a passagem tão significativa do diálogo entre Jesus e Filipe: “Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta. Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14, 8-9).

Fazer ver o Pai é também o alto desígnio que o Senhor Jesus confiou a quem n’Ele crê. A ordem dada aos Apóstolos de ir “por todo o mundo pregar o evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15) não é só para os Doze. No Novo Testamento, apóstolo significa somente um «enviado». O que faz o Apóstolo é a atividade e não a pertença a este ou àquele grupo. É o caso de Paulo, Barnabé e outros que nunca pertenceram aos Doze e, a justo título, também são designados por Apóstolos, pois sabemos bem da sua imensa atividade para fazer «ver o Pai».

De resto, a liturgia da Igreja, que “reza o que crê e crê o que reza”, como se diz desde a Patrística, recolhe este dado, simultaneamente teológico e existencial. Depois de ter «visto» a Deus no convívio íntimo, que é a celebração da Eucaristia, na qual o Senhor volta a dizer, como na primeira vez, para que todos tomem e comam o seu Corpo, tomem e bebam o Sangue da nova e eterna aliança, o crente é reenviado ao mundo em missão, como tão belamente exprimia a antiga fórmula latina de despedida: “*Ite, missa est*”. Que poder-se-ia traduzir literalmente por: “Ide, o envio está feito”, ou “Ide, a missão está-vos confiada”. O que levou Bento XVI a escrever: “Nesta saudação, podemos identificar a relação entre a Missa celebrada e a missão

cristã no mundo. [...] A referida saudação exprime sinteticamente a natureza missionária da Igreja” (SC 51). Aliás, é por isso mesmo que a liturgia recolhe mais duas formas oficiais de despedida: “Ide e anunciai o Evangelho do Senhor” ou “Ide em paz, glorificando ao Senhor com a vossa vida”. Como é bom de ver, quer uma quer outra reenviam para a missão de testemunho confiada a cada crente ou para a tal natureza missionária da Igreja.

3. Batismo e missão

A íntima independência entre batismo e missão universal encontra-se bem expressa na conhecida despedida do Jesus histórico, lá na Galileia, tal como anotou São Mateus: “Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de entre todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. [...] Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 18-20). Curiosamente, o mesmo Senhor Jesus que, praticamente, nunca tinha ultrapassado as fronteiras geográficas do velho Israel envia, agora, os seus discípulos a “todos os povos da terra”, na linha das profecias de Isaías, como anotam os teólogos. É uma missão dirigida aos judeus e aos pagãos. A todos. O que levaria, mais tarde, S. Paulo a especificar: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3, 28).

Nesta ordem de envio do Mestre, a missão precede o batismo. Nem poderia ser de outra forma, pois, nos tempos do cristianismo nascente, ninguém cumpriria o rito batismal sem saber porquê e para quê. Tal como acontece, ainda hoje, nas zonas do mundo que ainda não conhecem a Cristo ou mesmo entre nós, no caso de muitos batismos de adultos. Porém, na ordem da essência, o batismo procede da missão, por duas razões: só o que está inserido em Cristo é que O pode testemunhar e anunciar; e porque faz parte integrante da condição crente «prolongar» a ação salvífica. Por isso, a

missão não é um projeto humano, mas um mandato ou execução de um plano divino.

A missão entronca na vida nova recebida pelo batismo, tão intensamente pregada por Jesus a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3, 3). A fé da Igreja sempre viu nesta passagem a referência à nova condição daquele que, pelo batismo, nascido uma segunda vez “pela água e pelo Espírito”, participa na “vida do Alto” ou filiação divina e se insere no grupo daqueles que nasceram do Espírito (v. 8). Não admira. É que, se nós, pelo batismo, somos enxertados em Cristo como o ramo na videira (cf Jo 15, 5) o Espírito de Cristo passa a ser o nosso Espírito, o timbre da vida de Cristo torna-se o timbre da nossa vida, a missão de Cristo assume-se como a nossa missão. Então, ser batizado é o mesmo que ser missionário. Como Jesus, o tal Mensageiro Maior. Portanto, para nós, a missão não é uma simples escolha ou algo opcional: é uma tarefa essencial à fé e consequência necessária da adesão a Jesus Cristo.

De facto, chama a atenção a passagem com que abre o livro dos Atos dos Apóstolos. O Ressuscitado ordenou aos discípulos “que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do Pai, «do qual – disse Ele – me ouvistes falar. João batizava com água. Mas dentro de pouco tempo vós sereis batizados no Espírito Santo” (At 1, 4-5). Para além de vincar que o batismo cristão difere radicalmente do rito de João, no qual apenas entrava a água, quando, agora, é o Espírito Santo quem gera uma vida nova, reenvia-se a inteligência da fé para a compreensão do mistério do Pentecostes. O inciso “dentro de pouco tempo” remete para o efeito da receção do Espírito: os Apóstolos, até aí confinados às paredes do Cenáculo, abrem brechas em todas as barreiras e vêm para fora para, na voz de Pedro, anunciar a «absoluta» novidade: “Saiba com absoluta certeza toda a casa de

Israel que Deus estabelece como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado” (At 2, 36).

Porque foram “batizados no Espírito Santo” os Apóstolos iniciam imediatamente a missão. Sem qualquer hiato, intervalo ou reclamação de um tempo para preparação. E, da parte dos novos (e primeiros...) evangelizados, a ligação que se estabelece com este início de missão é precisamente o batismo: “Ouvindo estas palavras, ficaram emocionados até ao fundo do coração e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: «Que havemos de fazer, irmãos? Pedro respondeu-lhes: «Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo” (At 2, 27-28).

4. Origem trinitária da missão

No já citado envio dos discípulos, no contexto da Acensão, ressalta à vista o inciso “em nome” da Trindade, o que, aliás, se repete em praticamente todos os outros textos que referem o batismo: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os **em nome** do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19). Porquê? Primeiro de tudo, para significar uma relação íntima, exclusiva, total do batizado com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mas também para acentuar que o batizado é enviado ao mundo não para se pregar a si mesmo ou alguma ideia brilhante que possua, mas para testemunhar Alguém que conhece intimamente, pois lhe está unido como os tais ramos à videira e cuja vida flui nele. Só assim o mensageiro pode revelar que Deus tem um projeto para o homem e para o mundo.

O já referido Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja (*Ad gentes*), sublinha este dado de forma exemplar. Não sendo, aqui, possível recuperar toda a doutrina, vale a pena destacar alguns dados fundamentais,

porque a Igreja peregrina é, por sua própria natureza, missionária porque o desígnio divino assim a constituiu.

A respeito do Pai, o Decreto realça o seu “amor fontal”, isto é, a sua caridade que nos criou livremente e nos chamou “gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória” (AG 2). Ora, se a vida divina é comunicação, envio, aquele que «compartilha», essa vida não pode ser outra coisa que não seja abertura ao exterior, disponibilidade para ir ao encontro do outro, anúncio, testemunho. Sempre com um conteúdo preciso: “a sua glória e a nossa felicidade”. Isto é inerente à missão, na perspectiva do Pai, estão dois âmbitos que a enquadram: missão é levar a humanidade ao conhecimento e à adoração de Deus e é promoção humana, até ao limite do possível, até à tal “felicidade” de todos e para todos.

Em Jesus, o Cristo, cumpre-se totalmente este conteúdo da missão. Verdadeiro mediador entre Deus e os homens, fez da sua existência temporal um hino à glória do Pai: “Eu manifestei a tua glória na terra, levando a cabo a missão que me deste a realizar” (Jo 17, 4). E diz-nos que o verdadeiro missionário assume e prolonga esta tarefa em seu nome: “Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste. [...] Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo, e por eles, totalmente me entrego, para que também eles fiquem a ser teus inteiramente ” (v. 6.18-19). Mas sem esquecer o outro conteúdo da missão: a felicidade das pessoas. Por isso, “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos” (Mc 10, 45). Como o confirmam os milagres, curas e gestos libertadores. Por isso, a conclusão é óbvia: “Aquilo que uma vez foi pregado pelo Senhor ou aquilo que n'Ele se operou para salvação do género humano, deve ser proclamado e espalhado até aos confins da terra” (AG 3).

Como toda a grande obra, a missão nasce do Espírito Santo, o Espírito que procede do Pai e o Filho nos enviou: foi pela descida do Espírito ao seio de Maria que se iniciaram os tempos novos da Encarnação; foi pela descida do Espírito que o Senhor se sentiu impelido ao início da obra do seu ministério (cf. Mc 1, 12-14); foi pela descida do Espírito que se iniciaram os «atos» dos Apóstolos. Por conseguinte, “enviou Cristo o Espírito Santo da parte do Pai, para realizar no interior das almas a sua obra salvadora e impelir a Igreja à sua própria dilatação” (AG 4). O Espírito Santo é a alma, a força e o dinamismo missionário da Igreja pois só ele impregna “nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo”.

5. Paradigma cristológico da missão

“Tende os mesmos sentimentos que residem em Cristo Jesus” (Fl 2, 5), pregava Paulo aos cristãos de Filipos. Pois, é precisamente este o critério, o modelo e o estilo de vida evangélica. Consequentemente, também de missão.

Nesta linha, sendo o Evangelho uma alegre notícia ou boa notícia, ser enviado, como o Senhor, é testemunhar a felicidade de que Deus nos ama e que nos quer pessoas do duplo amor: a Ele e aos outros. É acreditar, promover e operar uma possível, necessária e urgente “civilização do amor”, como diria Paulo VI. Por conseguinte, é também fomentar esta esperança, mesmo para os deserdados da sorte. É que, hoje como naquele tempo, o Senhor vem “anunciar a Boa-Nova aos pobres, proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; mandar em liberdade os oprimidos e proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4, 18-19). Missão é promoção.

Porém, há que não esquecer que o missionário, que diz as palavras de Jesus e copia as atitudes de Jesus, está inserido n'Ele. Parte pela causa de Deus e porque se sabe enviado por Deus. Como tal, tem de viver a tensão da fidelidade às razões primeiras do envio. Quais? Já foram referidas: a glória de Deus e a felicidade ou salvação das pessoas. Mas isto pode ser dito de outra maneira: a causa de Deus é a causa do homem, isto é, a certeza de que ao homem é possível participar na vida divina porque o Deus que é Amor e Misericórdia assim o deseja. Missão é espiritualidade, frente a um mundo imerso na materialidade.

Ora, este Amor e Misericórdia não são sonhos, utopias ou ideologias: são passíveis de atuação. Sim, o Amor e a Misericórdia podem tornar-se sociais. Por isso, inerente à missionação está sempre a promoção humana. Não apenas como *captatio benevolentiae* ou atração simpática, mas como conteúdo integrante antes, durante e depois do anúncio. Essa promoção adquire, assim, duas específicas características: temporalmente, é simultânea ao anúncio; sob o ponto de vista dos conteúdos, torna-se a própria visualização do anúncio. Para além, obviamente, da sua credibilização, pois a salvação passa pelo resgate de tudo o que é eticamente negativo, degradante e mau, daquilo que não ajuda ou até impede o homem de atingir o máximo das suas possibilidades, passa ainda pela libertação da tirania do mal e certeza da vitória definitiva do bem e pela redenção da tirania da morte, como o maior sem-sentido, porque chamados à plenitude da eternidade gozosa com Deus. Missão é salvação atuada.

Dito de forma geral, o missionário é, ainda, o atuante da causa de Jesus Cristo, a ponto de poder dizer como São Paulo: “Fiz-me fraco com os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns a qualquer custo. E tudo faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante” (1Cor 9, 22-23). Esta imersão na realidade, sem fugas nem escusas, constitui

o que alguns chamam um verdadeiro “quinto Evangelho”, ou seja, tornar-se experiência e vida quotidiana de tudo o que está escrito nos Evangelhos a respeito de Jesus. Isto, não obstante as dificuldades, o cansaço, a doença, a sempre possível insatisfação e até o martírio. Missão é inculturação e aculturação.

Conclusão

A Igreja foi definida pelo Salvador como “luz do mundo e sal da terra” (Mt 5, 13-14). Quer dizer, como realidade dinâmica, atuante, eminentemente ativa. Por seu lado, o Concílio declara-a “como que o sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano” (LG 1). Então, pertencer à Igreja é ser instrumento funcional da redenção de todos. É contribuir, com o máximo das forças e com o dinamismo possível, para que, em todos os horizontes universais, Deus seja conhecido e amado e os homens vivam fraternalmente.

A missão e a sua realização histórica, as missões, estão no coração da vida da Igreja. O dinamismo missionário torna-se, assim, o critério para julgar a vitalidade e a fidelidade da Igreja ao seu Senhor. E exprime, também a sublime sabedoria da cruz, o “Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, poder e sabedoria de Deus” (1 Cor 1, 23-24). Por isso, insiste o Concílio: “Continuando esta missão e explicitando através da história a missão do próprio Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição” (AG 5).

À plêiade imensa de verdadeiros mártires que, ao longo dos séculos, souberam encarnar esta “sabedoria da cruz” e dar corpo à essência missionária da Igreja, um profundo agradecimento, formulado com as próprias palavras dos Padres conciliares: “Os Padres do Concílio, em união com o Romano Pontífice, sentindo vivamente a obrigação de difundir por toda a parte o reino de Deus, saúdam muito afetuosamente todos os pregadores do Evangelho, sobretudo aqueles que sofrem perseguição pelo nome de Cristo, e associam-se aos seus sofrimentos” (AG 42).

Missão como “intimidade itinerante”(EG 23) nas igrejas locais com vista à construção de “uma nova terra e novos céus”(Ap 21).

Eloy Bueno de la Fuente*³

«A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária». Esta frase da *Evangelii Gaudium* (EG 23) condensa o projeto que o papa Francisco propõe à Igreja, no início do seu pontificado. Esta afirmação é apoiada por outra que une o título da exortação apostólica: «A alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária» (EG 21). Essa alegria brota da intimidade com Jesus, consolida a união entre os discípulos e impele a anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões.

Para compreender os pressupostos e o alcance desta ideia é conveniente situá-la na lógica da *Evangelii Gaudium*: o papa fala de uma *Igreja em saída*; a Igreja em saída só pode existir a partir de um encontro que muda e transforma tudo, esse encontro (e a alegria que suscita) impele a Igreja a “primeirizar”, quer dizer, a iniciar o processo evangelizador e a enfrentar a conversão pastoral e missionária. *Intimidade itinerante* e *alegria de evangelizar* (a todos, em todo o lugar) vão sempre unidas.

Qual é a peculiaridade dessa “intimidade itinerante”, que é a pedra angular sobre a qual se ergue o edifício da uma Igreja em saída? Com certeza

• Eloy Bueno é sacerdote da Diocese de Burgos. Doutor em Missiologia. Professor na Faculdade de Teologia do Norte de Espanha nas sedes de Burgos e Vitória.

que se trata de uma relação especialmente íntima com Alguém (o Ressuscitado) que suscita uma alegria que, pelo seu próprio dinamismo, se abre à comunicação, ao convite, à hospitalidade. Esse encontro é um acontecimento originário e fundador, porque põe em marcha uma história nova, a da Igreja missionária que aspira à transformação do mundo. Essa história nova deve começar em cada uma das Igrejas locais: a partir do concreto da experiência eclesial é que se aspira a fazer novas todas as coisas, a recriar o mundo transformando os seres humanos. Este dinamismo, que é o alento próprio da Igreja, enraíza-se no próprio mistério de Deus e no seu projeto salvífico para a humanidade inteira.

1.- A intimidade itinerante, alento e conteúdo da ação missionária

Tradicionalmente, fundamentou-se a obrigação missionária da Igreja no mandato do Ressuscitado que conclui o evangelho de São Mateus. Evidentemente, nessas palavras concentra-se a mensagem permanente do Ressuscitado. Contudo, temos de compreender o sentido profundo e genuíno desse envio: o mandato não é a causa do envio mas sim a sua consequência, uma manifestação necessária. O discípulo de Jesus não é missionário porque lhe foi mandado ou ordenado, mas porque é discípulo, porque se sente impelido a comunicar essa sedução que mudou a sua vida. O caráter fascinante da missão de Jesus atraiu-o ao seguimento. Essa intimidade com Jesus é o que faz o discípulo pôr-se a caminho, adotar um estilo de vida itinerante. É interessante recordar a frequência com que os evangelhos falam do espanto, da admiração, da surpresa que Jesus provoca. Essa novidade, para contemplar com olhos novos a realidade inteira, introduz a pessoa numa relação tão íntima com Jesus que é capaz de romper com o seu modo de vida e enfrentar o futuro com a clara consciência de missão.

A itinerância de Jesus impregna toda a sua existência, mas deve ser vista desde uma dupla perspectiva: reflete a itinerância que se produz *no próprio Deus*, que se põe a caminho mediante o envio do Filho e do Espírito (a “economia trinitária”) e que exige a itinerância de quem entra em intimidade com ele.

O Deus que se põe a caminho por amor

O nosso Deus não é um Deus solitário, é comunhão, dizia santo Hilário de Poitiers na sua polémica com os arianos. É comunhão porque é *Trindade de Pessoas, cuja vida é Amar*: as Pessoas divinas protagonizam um ato eterno de Amar, de doação e acolhimento pleno e generoso. Essa Vida e essa comunhão não se fecham em si mesmas, abrem-se também à participação dos seres humanos. Com esse objetivo, desde o amor fontal do Pai, são enviados o Filho e o Espírito Santo. As missões do Filho e do Espírito mostram que o nosso Deus, por ser comunhão, *é um Deus missionário*, sempre *a* e *em caminho*, como gosta de dizer o papa Francisco. Também a intimidade de Deus, poderíamos dizer, se faz itinerante para sair ao encontro dos seres humanos. Isto é o que a teologia denomina de o *Mistério de Deus*: o seu desígnio de felicidade, que se manifesta na história concreta e real da humanidade. O concílio Vaticano II, no seu documento sobre a Igreja (Lumen Gentium) e sobre a atividade missionária (Ad Gentes) situa a identidade da Igreja e a sua atividade missionária no Mistério de Deus.

O Mistério de Deus desenvolve-se ao longo de toda a história da salvação, mas concentra-se e manifesta-se, de modo mais esplendoroso em Jesus, especialmente em dois momentos: no anúncio do Reino de Deus e no acontecimento pascal. Num e noutro se produz uma profunda experiência de alegria pela intimidade com Jesus, o qual suscita a comunicação e a itinerância.

Jesus: itinerância ao serviço da missão

Jesus centra a sua atividade pública no anúncio do Reino (ou Reinado) de Deus. Ressoa como um jubileu que tenta recuperar a bondade e a beleza da criação, como convite a uma festa porque o Pai convoca os seus filhos para a experiência de um amor incondicional. O reino deve surgir entre os conflitos, as divisões e barreiras da história, para criar algo novo. Nessa atividade Jesus adota um modo de vida itinerante, sempre disposto a sair para outro lugar para oferecer a todos o anúncio de que é portador. O Reino faz-se presente como alternativa a uma situação dominada pelas violações e barreiras estabelecidas pelos seres humanos. Encerra um dinamismo de alcance universal, porque oferece possibilidades novas a partir dos pobres, dos pecadores, dos feridos, dos vulneráveis. Somente a partir deles se pode configurar uma humanidade realmente nova, porque eles fazem perceber as feridas do mundo real.

A consciência profunda de missão que caracteriza Jesus tem as suas raízes na intimidade com o Pai, expressa na singular invocação “abba”. Jesus é o Filho encarnado para contar quem é o Pai (Jo 1,18); assim, oferece uma experiência de filiação que é por sua vez experiência de fraternidade que vai muito além dos vínculos de raça, de sangue, de território. Dessa intimidade de Jesus com o Pai brota a sua vida itinerante, o seu dinamismo missionário: tem que oferecer *a todos* essa experiência de paternidade que é, ao mesmo tempo, experiência de fraternidade. Sob o olhar do Pai, os filhos podem encontrar de novo o lugar da felicidade. Essa itinerância, essencialmente missionária, assinala para a fundação de novos céus e nova terra, onde já não há pranto, nem dor, nem lágrimas.

A quem acolhe o Evangelho como feliz notícia acontece sempre uma profunda experiência de alegria, a tal ponto que podíamos dizer que só quem experimenta essa alegria está em condições de habitar esse Reino do Pai. O

exemplo paradigmático é-nos oferecido pela chamada parábola do filho pródigo. O filho mais velho só entrará na festa preparada pelo pai quando sentir o júbilo do pai agir desse modo tão surpreendente e que alargue de tal modo o seu coração que seja capaz de acolher, sem ressentimentos, o seu irmão que regressa ao lar. O critério fundamental para descobrir a pertença ao Reino de Deus é a experiência da alegria, porque nela se esconde a força e a possibilidade de criar um mundo novo entre as dificuldades do presente. Essa alegria é a que une em profunda intimidade os discípulos de Jesus.

Naturalmente que esse modo de agir de Jesus suscita incompreensão, inclusive um ódio que o acaba conduzindo até à morte. A recusa da alegria obscurece o coração que se destrói no abismo do rancor. Jesus deve atravessar o caminho escuro e terrível que é capaz de gerar o coração humano, para mostrar que há um amor tão grande que triunfa sobre a violência e todo o desejo de vingança. Jesus morre perdando não só os fracos e os pobres mas os pecadores que se fecham no seu ressentimento. Só assim é recriado o ser humano e só assim surge uma história nova e diferente. Esse é o sentido e o mistério profundo da Páscoa: Jesus *passa* através do mais negativo da história movido por um amor que vai até ao extremo (Jo 13,1).

A Páscoa, origem e conteúdo da missão da Igreja

O amor, capaz de vencer o ódio e a vingança, mostra toda a sua potencialidade criadora no Ressuscitado. No seu encontro com os discípulos torna-se patente que existe uma palavra para além do ódio e do ressentimento. Por isso, está em condições de restaurar os seres humanos: cria um espaço de reconciliação no qual se sentem perdoados, transformados, recriados. Em Jesus descobrem o Reino em pessoa e o modelo de ser humano que Deus tinha sonhado desde antes da criação do mundo.

Os protagonistas da Páscoa estão conscientes de possuir a melhor mensagem para a humanidade: que a história humana não está condenada à fatalidade e ao desaparecimento, que cada ser humano é amado de maneira única e singular, que para todos se abre o horizonte da esperança, que há uma experiência que supera as divisões e os confrontos

Por isso é lógico que as aparições do Ressuscitado estejam sempre envolvidas pela alegria. O relato de Lucas 24, 36ss é suficientemente ilustrativo: perante a presença de Jesus reagem inicialmente com desconfiança e com cautela, porque poderia tratar-se de um fantasma ou de uma ilusão; custa-lhes a acreditar, pela surpresa e pelo assombro; quando constatarem que é efetivamente o mesmo que tinha sido crucificado, sentem-se cheios de alegria. Essa felicidade ilumina o seu olhar para compreenderem o sentido do que sucedeu e, ao mesmo tempo, permite-lhes assumir a sua função de apóstolos, como testemunhas daquela novidade que deve chegar até aos confins da terra. A alegria, que brota da intimidade com o Ressuscitado, é fonte espontânea de missão e, por isso, põe em marcha, faz-se itinerante, inicia a saída, convida à celebração partilhada, aumenta a solidariedade com todos os seres humanos na sua fragilidade e nas suas expectativas....

Este é o significado profundo do acontecimento pascal: *a Igreja nasce no berço da alegria* (cria comunidade e comunhão) *e, por isso, é essencialmente missionária*. A Páscoa não é um acontecimento que possa perder-se no passado, como simples recordação esquecida nos arquivos da história. Tem vocação de futuro, de criar um mundo novo e uma história diferente. Requer para isso um povo, uma comunidade, que siga anunciando, testemunhando, celebrando esse acontecimento que sucedeu graças à ação da missão do Filho e do Espírito em favor da humanidade inteira.

2.-A missão universal no drama da história

Jesus, dissemos, anunciava um jubileu que pretendia recuperar a bondade e a beleza da primeira criação, a plenitude da vida oferecida por Deus às suas criaturas. Jesus, na intimidade com o Pai, participava do “sonho” de Deus na sua intenção criadora: estabelecer um *paraíso* onde todas as criaturas pudessem gozar em harmonia de uma felicidade completa, de modo que a existência fosse um *sábado* permanente, a festa dos irmãos na casa do Pai usufruindo e partilhando de todo o bom e belo que lhes era oferecido como dom. O projeto do Pai era absolutamente universal em extensão e em intensidade: dirige-se a todos os seres humanos e a todo o cosmos, e afeta todas as dimensões da existência pessoal e coletiva.

A missão de Deus

É verdade que o “sonho” de Deus se viu alterado pela ação da “serpente”, que desequilibrou a liberdade humana, introduzindo umas pretensões desmedidas para um ser finito: Adão aspirava a ser feito o dono de tudo e a constituir-se ele próprio a origem do bem e do mal. Por isso rompeu-se a harmonia inicial: já não havia harmonia com a natureza, teve que trabalhar e esforçar-se para obter os seus produtos; já não havia harmonia com os seus semelhantes, pois começam as censuras e as acusações; já não havia harmonia com Deus, por isso teve de esconder-se do seu olhar; também desapareceu a harmonia consigo mesmo, e por isso teve que vestir-se.

Começa então o drama da história, que é o cenário da missão de Deus (e também o da Igreja). A humanidade existe peregrinando fora do paraíso, no meio de desventuras e desgraças, de expectativas e de anseios. O Génesis narra-nos a sucessão dos acontecimentos que vão gerando a imensa dor da história: assassinatos entre irmãos; o aparecimento das armas; a expansão da injustiça e da violência; a difusão do mal, a incompreensão e confronto entre os povos... Esse é o cenário, o desafio e a urgência da missão. O dom inicial

de Deus deve ser recuperado de todos os intuitos de manipulação, de degradação, de utilização de uns poucos. A vida perde esplendor, não se manifesta em toda a sua plenitude, fica degradada pela imoralidade ou pela injustiça. O mundo vê-se penetrado por uma caducidade que conduz à morte e ao desaparecimento.

Nesse cenário existe um grande labor por fazer. Desde a saída do paraíso Deus assume a sua responsabilidade, movido pela misericórdia que desabrocha perante os clamores das suas doridas criaturas: desfralda o horizonte da esperança porque garante a sua fidelidade e a sua promessa. Essa é a missão com a qual Deus se compromete, mas não se pode realizar eficazmente sem a colaboração dos seres humanos.

Deus chama porque há uma tarefa a cumprir

É requerida a responsabilidade dos seres humanos, sem a qual não se poderia transformar a história (Adão, onde estás? Caim, onde está o teu irmão? – Estas são as primeiras interpelações que Yahvé faz). Os seres humanos são interpelados, chamados, convocados, porque há uma tarefa a cumprir. Esta é uma lei constante na narração bíblica.

O caso mais paradigmático é o de Abrão. Sobre o pano de fundo de uma humanidade dilacerada em Babel, que não consegue entrar em comunicação (pela diversidade de línguas), é chamado para que seja *mediador da bênção* de Deus em favor de todos os seres humanos; essa missão condensa-se na mudança de nome: chamar-se-á *Abraão* porque será o pai de uma grande multidão de povos. A fé de Abraão funda-se, em primeiro lugar, no dizer “*eis-me aqui*”, como gesto de disponibilidade para a tarefa que se lhe pede.

Nesta lógica de Abraão temos de compreender a experiência profunda de Moisés e dos profetas, da virgem Maria e do próprio Jesus. A intimidade

com Deus coloca-os sempre em caminho, fá-los sair de si mesmos porque a história continua atravessada pelo clamor de tantas lágrimas e lamentos, porque continua a ressoar o protesto face a tanta injustiça e tanta opressão. *Os mediadores são, por isso, necessariamente missionários*, porque se encontram ao serviço da missão de Deus.

A missão (de Deus e dos colaboradores humanos) aponta sempre para o futuro. A dor do presente e a saudade do paraíso orientam-se sempre para uma criação renovada, quando o mundo velho e caduco ficar recriado e quando os seres humanos forem restaurados desde o mais íntimo do seu coração. As primeiras e as últimas páginas da Bíblia oferecem a chave para a compreensão de toda a narração: desde o limiar do paraíso lança-se o olhar para a situação onde já não há choro, nem dor, nem lágrimas, nem morte.

A paixão por Deus e pela sua justiça

Esta é a mensagem e o ânimo dos profetas: move-os a paixão por Deus e pela sua justiça, que é o reflexo da paixão do próprio Deus, da sua compaixão para com os seus filhos. Precisamente a intimidade da sua relação com Deus fá-los tomar consciência da sua missão em favor dos mais vulneráveis. É paradigmático o exemplo de Isaías. Quando contava a sua vocação, após relatar a sua visão da santidade de Deus, escutou “a voz do Senhor que dizia: Quem enviarei? ... E eu disse: Eis-me aqui, envia-me... E Ele disse-me: Vai e diz a esse povo...” (Is 6,7-8).

Os profetas denunciam, acusam e criticam em nome de Deus, inclusive vaticinam catástrofes e desastres. Mas, por entre a devastação abrem sempre a porta à esperança, ao futuro prometido por Deus. O próprio Isaías é testemunha disso. A consolação de Deus é mais forte do que a ira que suscita nele a expansão do mal. Os seres humanos são seus filhos, e as suas entranhas comovem-se ao constatar tanta dor e tanta injustiça. E depois de proclamar a devastação universal, entoia o cântico dos redimidos, porque

Yahvé vai preparar no monte de Sião um banquete para todos os povos, «e aniquilará a morte para sempre, e enxugará as lágrimas de todos os rostos» (Is 25,6-8). Esta visão do profeta é a que fecha as páginas da Bíblia (Ap 21,4), a meta da missão.

O capítulo 61 apresenta o profeta Isaías proclamando um jubileu, a recuperação do sonho de Deus. «O Espírito do Senhor, Yahvé está sobre mim, porque me ungiu: enviou-me para pregar a boa nova aos abatidos e curar os corações desesperados, para anunciar a libertação dos cativos e a liberdade aos prisioneiros. Para publicar um ano da graça de Yahvé e o dia da vingança do nosso Deus”. Estas são as palavras que Jesus leu na sinagoga de Nazaré ao iniciar a sua atividade pública. O que é significativo é que ele as aplica a si mesmo como características da sua missão. Mas introduz uma diferença que pode passar despercebida: o evangelista Lucas elimina a referência à vingança. Tal palavra e atitude não tem cabimento no Reino de Deus. Jesus, sobre a base do amor incondicional de Deus, assume como sua tarefa eliminar os traços desse mundo velho para estabelecer o Reinado de Deus onde já não haja cativos, encarcerados, abatidos, desesperados...

A espiritualidade da missão

O compromisso missionário reclama uma espiritualidade adequada, quer dizer, atuar sob o alento do Espírito. Esta espiritualidade deve possuir três características fundamentais:

a) Tem de ser *teologal*, porque tem a sua raiz na experiência de Deus e deve ser fiel à missão de Deus; não deve ser vista como fruto do esforço ou das ideologias humanas, mas como o reflexo ou ícone da missão iniciada e protagonizada pela trindade.

b) Tem de ser *profética*, porque enfrenta os conflitos da realidade, as estruturas e causas que as provocam, procurando a profundidade das

transformações que se requerem; o profeta não cai na dialética da violência pela violência ou da vingança pela vingança, tenta ir mais além, agindo à imagem de Deus que atua com amor incondicional, procurando sempre integrar e acolher para transformar os corações e as intenções.

c) Tem de ser *escatológica*, porque tem o olhar posto na plenitude, na consumação, e desde ali recebe uma esperança que o impulsiona ao compromisso; o Ressuscitado e a alegria que suscita antecipam no meio do nosso mundo a situação de felicidade à qual todos somos chamados, não geram passividade ou satisfação individualista mas abertura e acolhimento; a esperança encerra um enorme potencial mobilizador para o compromisso e para a entrega da própria vida em favor dos outros.

3.- Na e a partir da Igreja local, sujeito da pastoral e da missão

Na lógica do Mistério de Deus a Igreja é necessária para que a missão possa ser realizada. A Igreja deve ser vista como uma realidade pessoal: a Igreja *são (somos) as pessoas* que, a partir da comunhão trinitária, agem como mediadores e missionários. São as pessoas que, seduzidas pela alegria da experiência pascal, atuam como testemunhas dessa novidade em todos os lugares, até aos confins da terra.

Durante séculos, de modo especial na Igreja latina, dominou uma concepção (e uma vivência) unitária e centralizada da Igreja. As dioceses eram vistas como circunscrições administrativas da Igreja e os bispos como delegados do Papa, pois dele procede todo o poder na Igreja. Contudo, este delineamento é uma simplificação e um reducionismo que surgiu por diversas circunstâncias históricas, que não podemos analisar aqui. Mas não podemos deixar de mencionar um dado: dentro dessa mentalidade fundavam-se as “missões”, consideradas num nível inferior ao das dioceses da velha cristandade. O rápido desenvolvimento dos tempos recentes é que

levou as “missões” a serem reconhecidas como igrejas, no autêntico sentido da palavra. Isso obriga a olhar a nossa experiência eclesial e missionária com outros olhos: desde o protagonismo das igrejas e desde a importância da comunhão de igrejas.

A importância da igreja local

A Igreja não existe em abstrato, mas (como afirmou o Vaticano II em LG 23) *em e desde as Igrejas locais*. Seria um erro identificar a Igreja como uma igreja local determinada (a igreja de Roma) ou com uma realidade que existisse por cima das dioceses concretas. A Igreja de Jesus Cristo torna-se realidade histórica enxertando-se nos diversos grupos e povos: quando um grupo de crentes pode dizer “nós” porque partilha a mesma experiência salvífica e a mesma consciência de missão.

Quando se fala de dioceses geralmente coloca-se o acento no aspeto burocrático ou administrativo. Ao falar de “igreja” acentua-se sobretudo o aspeto pessoal de um “nós” que se considera *sujeito e protagonista da missão* que o Senhor encomendou à sua Igreja e que deve ser realizada por todas elas em comunhão. Com razão o papa Francisco reafirmou que a igreja local é sujeito prioritário da evangelização e da pastoral. E, na mesma lógica, a Igreja, enquanto «corpo de igrejas» ou «comunhão de igrejas», deve ser vista como sujeito da evangelização a nível mundial, numa civilização ao mesmo tempo globalizada e multicultural.

O Novo Testamento mostra com muita clareza esta experiência. São Paulo denomina “igrejas” as comunidades que ele fundou em diversas cidades. Durante os primeiros séculos falava-se com muita normalidade de “igrejas” que viviam em comunhão. Nos últimos anos a atividade missionária fez florescer numerosas comunidades cristãs que, progressivamente, foram adquirindo consciência das suas peculiaridades e do seu protagonismo. A experiência da eclesiogénese (quer dizer, do

nascimento de uma igreja como consequência da ação missionária) tornou-se real. Já Bento XV na *Maximum Illud* falava de “igrejas jovens” e fomentava a existência do clero nativo, como condição necessária para que essas igrejas fossem adquirindo solidez e consciência das suas potencialidades. A Igreja mundial do terceiro milénio começa a experimentar-se de novo como comunhão de igrejas.

Na igreja local o “nós” vive-se como *intimidade itinerante*. A comunidade eclesial não surge em virtude de mecanismos psicológicos ou sociológicos mas pela graça e chamamento de Deus. Cada comunidade eclesial recebe a sua existência como dom e como graça. Vive-o e celebra-o de modo especial na liturgia, que atualiza o mistério pascal, e a partir daí anuncia, com a sua palavra e com o seu testemunho, a caridade. Cada igreja oferece um modo de viver em comunidade que significa a unidade fundamental de todo o género humano. Assim, recria o mundo desde uma fraternidade mais profunda que a originada pela raça ou pelo sangue. A carta aos Efésios, no capítulo segundo, oferece um exemplo magnífico e visível: na comunidade eclesial reencontram a unidade os judeus e os gentios, porque o Senhor destruiu o ódio e a incompreensão entre os povos. De um modo muito belo dirá, séculos mais tarde, São João Crisóstomo: nenhum cristão pode sentir-se estrangeiro em nenhuma eucaristia do mundo. À volta do altar da Palavra e da eucaristia todos se reencontram como uma família, em qualquer parte do mundo.

A igreja local vive da missão e para a missão

A igreja, num lugar, não é um dado natural (como as árvores ou o rio) mas surge como um acontecimento para *alguém que veio de fora*: o missionário. A ação de São Paulo repetiu-se muitas vezes ao longo da história. É necessário redescobrir e valorizar com vigor o “momento mágico” no qual surge algo que não havia antes: nesta cidade ou região não havia

igreja e a determinado momento já há igreja. Este facto só se pode compreender porque se fez presente uma novidade que interpela e atrai: um modo de comportamento, um testemunho de generosidade, uma aproximação às pessoas, uma solidariedade com os pobres... que só se tornam compreensíveis em virtude de um anúncio, do Kerygma. Essa é a obra missionária em sentido estrito que, como também recorda o papa Francisco, deve converter-se em paradigma de toda a ação eclesial.

A ação missionária mostra aí todo o seu dinamismo: vai-se gerando uma pequena comunidade que, progressivamente, vai crescendo até consolidar-se como igreja em sentido próprio. Paulo, desde cedo valorizava as comunidades como igrejas, sem que fosse necessário um grande número de pessoas ou de instituições. O essencial era a consciência de tornar visível e presente, no emaranhado social, uma novidade humana e social capaz de transformar o mundo. Com este modo de atuar prolonga-se o dinamismo de Pentecostes: no meio da pluralidade de povos a Igreja torna-se presente para recriar a unidade, oferecendo como âmbito de encontro o Evangelho.

O termo *ekklesia* designa uma realidade que vive em estado permanente de missão. O termo foi tomado do âmbito civil e político mas com um conteúdo particular: o grupo de cristãos, constituído em assembleia, *é uma assembleia*; esta existe porque foi convocada, houve um convite; este convite é escutado por muitos, mas só alguns o acolhem de modo positivo e a partir daí inserem-se no dinamismo missionário: a) entre a população pagã alguns assumem a novidade cristã; b) ela fá-los distanciarem-se do seu ambiente para se unirem a quem acolhe a mesma mensagem; c) na assembleia proclama-se a Palavra e atualiza-se o mistério pascal de onde recebem a sua identidade; d) a assembleia finaliza o envio de volta às relações habituais onde devem dar testemunho que continue a gerar, nos que os observam, uma interpelação.

Cada igreja concreta deve recordar a história das suas origens: nasceu de um ato missionário. A igreja que nasce da missão deve viver para a missão: deve discernir, para ser fiel à sua origem, discernir, permanentemente, quais são as barreiras e as fronteiras que deve derrubar, as margens que deve transpor, as periferias nas quais tem de se tornar presente, os vulneráveis que devem ser atendidos... (Act 13,1-3 oferece um exemplo magnífico); e deve estar aberta a colaborar em comunhão com outras igrejas nas suas necessidades evangelizadoras. A partir do critério de missão poderá conseguir-se o rejuvenescimento da Igreja e de cada igreja local.

MISION COMO “INTIMIDAD ITINERANTE” (EG 23) EN LAS IGLESIAS LOCALES CON VISTAS A LA CONSTRUCCION DE UNA TIERRA NUEVA Y DE UNOS CIELOS NUEVOS

Eloy Bueno de la Fuente

«La intimidad de la Iglesia con Jesús es una intimidad itinerante, y la comunión “esencialmente se configura como comunión misionera”». Esta frase de *Evangelii Gaudium* condensa el proyecto que el papa Francisco propone a la Iglesia al inicio de su pontificado. Esta afirmación está apoyada por otra frase que enlaza con el título de la exhortación apostólica: «La alegría de la comunidad de los discípulos es misionera» (EG 21). Esa alegría brota de la intimidad con Jesús, consolida la unión entre los discípulos y empuja a anunciar el Evangelio a todos, en todos los lugares, en todas las ocasiones.

Para comprender los presupuestos y el alcance de esta idea es conveniente situarla en la lógica de *Evangelii Gaudium*: está hablando el papa de una Iglesia *en salida*; la Iglesia en salida no puede existir más que a partir de un encuentro que lo cambia y lo transforma todo; ese encuentro (y la alegría que suscita) empuja a la Iglesia a “primerear”, es decir, a iniciar el proceso evangelizador y a afrontar la conversión pastoral y misionera. *Intimidad itinerante y alegría de evangelizar* (a todos, en todas partes) van siempre unidas.

¿Cuál es la peculiaridad de esa “intimidad itinerante”, que es piedra angular sobre la cual se levanta el edificio de una Iglesia en salida? Indudablemente se trata de una relación especialmente íntima con Alguien (el Resucitado) que suscita una alegría que, por su propio dinamismo, se abre a la comunicación, a la invitación, a la hospitalidad. Ese encuentro es un acontecimiento originario y fundador, porque pone en marcha una

historia nueva, la de la Iglesia misionera que aspira a la transformación del mundo. Esa historia nueva debe comenzar en cada una de las iglesias locales: desde lo concreto de la experiencia eclesial se aspira a hacer todas las cosas nuevas, a recrear el mundo transformando a los seres humanos. Este dinamismo, que es el aliento mismo de la Iglesia, hunde sus raíces en el misterio mismo de Dios y en su proyecto salvífico para la humanidad entera.

1.- La intimidad itinerante, aliento y contenido de la acción misionera

Tradicionalmente se ha fundado la obligación misionera de la Iglesia en el mandato del Resucitado que concluye el evangelio de san Mateo. Evidentemente en esas palabras se concentra un mensaje permanente del Resucitado. Ahora bien, hay que comprender el sentido profundo y genuino de ese envío: el mandato no es la causa del envío sino más bien una consecuencia, una manifestación necesaria. El discípulo de Jesús no es misionero porque le sea mandado u ordenado, sino porque es discípulo, porque se siente empujado a comunicar la seducción que ha cambiado su vida. El carácter fascinante de la misión de Jesús le ha atraído al seguimiento. Esa intimidad con Jesús es lo que hace al discípulo ponerse en camino, adoptar un estilo de vida itinerante. Es interesante recordar la frecuencia con la que los evangelistas hablan del asombro, de la admiración, de la sorpresa que provocaba Jesús. Esa novedad les hacía contemplar con ojos nuevos la realidad entera, les introducía en una relación insospechada con Jesús, y por ello les hacía romper con un modo de vida para afrontar el futuro con clara conciencia de misión.

La itinerancia de Jesús impregna su existencia entera, pero debe ser vista desde la doble perspectiva que abre: refleja la itinerancia que se produce *en el mismo Dios*, que se pone en camino mediante el envío del Hijo

y del Espíritu (la “economía trinitaria”) y exige la itinerancia de quienes entran en intimidad con él.

El Dios que se pone en camino por amor

Nuestro Dios no es un Dios solitario, es comunión, decía san Hilario de Poitiers en su polémica con los arrianos. Es comunión porque es Trinidad de *Personas, cuya vida es Amar*: las Personas divinas protagonizan un acto eterno de Amar, de donación y acogida plena y generosa. Esa Vida y esa comunión no se cierran en sí mismas, se abren también a la participación de los seres humanos. Con ese objetivo, desde al amor fontal del Padre, son enviados el Hijo y el Espíritu Santo. Las misiones del Hijo y del Espíritu muestran que nuestro Dios, por ser comunión, es *un Dios misionero*, siempre *en camino*, como gusta decir al papa Francisco. También la intimidad de Dios, podríamos decir, se hace itinerante para salir al encuentro de los seres humanos. Esto es lo que la teología denomina *el Misterio de Dios*: su designio de felicidad que se manifiesta en la historia concreta y real de la humanidad. El concilio Vaticano II en su documento sobre la Iglesia (*Lumen Gentium*) y sobre la actividad misionera (*Ad Gentes*) sitúa la identidad de la Iglesia y su actividad misionera en el Misterio de Dios.

El Misterio de Dios se desarrolla a lo largo de toda la historia de la salvación, pero se concentra y se manifiesta de modo más esplendoroso en Jesús, especialmente en dos momentos: el anuncio del Reino de Dios y el acontecimiento pascual. En uno y otro se producen una profunda experiencia de alegría por la intimidad con Jesús, lo cual suscita la comunicación, la itinerancia.

Jesús: itinerancia al servicio de la misión

Jesús centra su actividad pública en el anuncio del Reino (o Reinado) de Dios. Resuena como un jubileo que intenta recuperar la bondad y la

belleza de la creación, como invitación a una fiesta porque el Padre convoca a sus hijos para la experiencia de un amor incondicional. El Reino debe surgir entre los conflictos, las divisiones y barreras de la historia, para crear algo nuevo. En esa actividad Jesús adopta un modo de vida itinerante, siempre dispuesto a salir a otro lugar para ofrecer a todos el anuncio del que es portador. El Reino se hace presente como alternativa a una situación dominada por las quiebras y fronteras establecidas por los seres humanos. Encierra un dinamismo de alcance universal, porque ofrece posibilidades nuevas a partir de los pobres, los pecadores, los heridos, los vulnerables. Sólo desde ellos se puede configurar una humanidad realmente nueva, porque ellos hacen percibir las heridas del mundo real.

La conciencia profunda de misión que caracteriza a Jesús tiene sus raíces en la intimidad con el Padre, expresada en la singular invocación “abba”. Jesús es el Hijo encarnado para contar quién es el Padre (Jn 1,18): así ofrece una experiencia de filiación que es a la vez experiencia de fraternidad que va más allá de los vínculos de raza, de sangre, de territorio. De esa intimidad de Jesús con el Padre brota su vida itinerante, su dinamismo misionero: tiene que ofrecer *a todos* esa experiencia de paternidad que es a la vez experiencia de fraternidad. Bajo la mirada del Padre los hijos pueden encontrar de nuevo el hogar de la felicidad. Esta itinerancia esencialmente misionera apunta al establecimiento de unos cielos nuevos y una tierra nueva, donde no haya ni llanto, ni dolor ni lágrimas.

En quienes acogen el Evangelio como noticia gozosa acontece siempre una profunda experiencia de alegría, hasta el punto de que podríamos decir que sólo quienes experimentan esa alegría están en condiciones de habitar ese Reino del Padre. Ejemplo paradigmático lo ofrece la parábola del hijo pródigo. El hijo mayor sólo acudirá a la fiesta preparada por el padre en el caso de que sienta el júbilo de que el padre actúe de ese

modo tan sorprendente y de que amplíe su corazón para acoger sin resentimientos al hermano que regresa a su hogar. El criterio fundamental para descubrir la pertenencia al Reino de Dios es la experiencia de alegría, porque en ella se esconde la fuerza y la posibilidad de crear un mundo nuevo entre las dificultades del mundo presente. Esa alegría es la que une en una profunda intimidad a los discípulos de Jesús.

Ahora bien, ese modo de actuar de Jesús suscita incompreensión, incluso un odio que acaba conduciéndolo hasta la muerte. El rechazo de la alegría oscurece el corazón, que se destruye en el abismo del rencor. Jesús debe atravesar el camino oscuro y terrible que es capaz de generar el corazón humano, para mostrar que hay un amor tan grande que triunfa sobre toda violencia y todo deseo de venganza. Jesús muere perdonando no sólo a los débiles y a los pobres sino a los pecadores que se clausuran en su resentimiento. Sólo así es recreado el hombre y surge una historia nueva y distinta. Ese es el sentido y el misterio profundo de la Pascua: Jesús *pasa* a través de lo más negativo de la historia movida por un amor que llega hasta el extremo (Jn 13,1).

La Pascua, origen y contenido de la misión de la Iglesia

Ese amor, capaz de vencer el odio y la venganza, muestra toda su potencialidad creadora en el Resucitado. En su reencuentro con los discípulos hace patente que hay una palabra más allá del odio y del resentimiento. Por eso está en condiciones de restaurar a los seres humanos: crea un espacio de reconciliación en el que se sienten perdonados, transformados, re-creados. En Jesús descubren el Reino en persona y el modelo de ser humano que Dios había soñado desde antes de la creación del mundo.

Los protagonistas de la Pascua son conscientes de poseer el mejor mensaje para la humanidad: que la historia humana no está condenada a la

fatalidad y a la desaparición, que cada ser humano es amado de modo único y singular, que a todos se abre el horizonte de la esperanza, que hay una experiencia que supera las divisiones y los enfrentamientos....

Por eso es lógico que las apariciones del Resucitado están siempre envueltas en la alegría. El relato de Lucas 24, 36ss es suficientemente ilustrativo: ante la presencia de Jesús reaccionan inicialmente con sospecha o con cautela, porque podría tratarse de un fantasma o de una ilusión; les cuesta creerlo por la sorpresa y por el asombro; cuando constatan que es efectivamente el mismo que había sido crucificado, se sienten llenos de alegría. Ese gozo ilumina su mirada para comprender el sentido de lo que ha sucedido y a la vez les permite asumir su función como apóstoles, como testigos de aquella novedad que debe llegar hasta los confines de la tierra. La alegría, que brota de la intimidad con el Resucitado, es fuente espontánea de misión y por ello se pone en camino, se hace itinerante, inicia la salida, invita a la celebración compartida, aumenta la solidaridad con todos los seres humanos en su fragilidad y en sus expectativas...

Este es el significado profundo del acontecimiento pascual: *la Iglesia nace en la cuna de la alegría* (crea comunidad y comunión) y *por ello es esencialmente misionera*. La Pascua no es un acontecimiento que pueda perderse en el pasado, como un simple recuerdo que se pierde en los archivos de la historia. Tiene vocación de futuro, de crear un mundo nuevo y una historia distinta. Requiere para ello un pueblo, una comunidad, que siga anunciando, testimoniando, celebrando, eso que ha sucedido gracias a la acción de la misión del Hijo y del Espíritu en favor de la humanidad entera.

2.- La misión universal en el drama de la historia

Jesús, hemos dicho, anunciaba un jubileo, que pretendía recuperar la bondad y la belleza de la primera creación, la plenitud de la vida regalada por Dios a sus criaturas. Jesús, en la intimidad con el Padre, participaba del

“sueño” de Dios en su intención creadora: establecer un *paraíso* en el que todas sus criaturas pudieran gozar en armonía de una felicidad completa, de modo que la existencia fuera un *sábado* permanente, la fiesta de los hermanos en el hogar del padre, disfrutando y compartiendo de todo lo bueno y hermoso que les era ofrecido como don. El proyecto del Padre era absolutamente universal en extensión y en intensidad: se dirige a todos los seres humanos y al cosmos entero, y afecta a todas las dimensiones de la existencia personal y colectiva.

La misión de Dios

Ahora bien, el “sueño” de Dios se vio alterado por la acción de la “serpiente”, que desequilibró la libertad humana, introduciendo unas pretensiones desmesuradas para un ser finito: Adán aspiraba a ser de hecho el dueño de todo y a constituirse él mismo en el origen del bien y del mal. Por eso se rompió la armonía inicial: ya no había armonía con la naturaleza, tuvo que trabajar y esforzarse para obtener sus productos; ya no había armonía con sus semejantes, pues comienzan los reproches y las acusaciones; ya no había armonía con Dios, por lo que tuvo que esconderse de su mirada; también desapareció la armonía consigo mismo, por lo que tuvo que vestirse.

Comienza entonces el drama de la historia, que es el escenario de la misión de Dios (y por tanto de la Iglesia). La humanidad existe peregrinando fuera del paraíso, en medio de desventuras y desgracias, de expectativas y de anhelos. El Génesis nos narra la sucesión de los acontecimientos que van generando el inmenso dolor de la historia: asesinatos entre hermanos; aparición de las armas; expansión de la injusticia y la violencia; la difusión del mal, la incompreensión y enfrentamiento entre los pueblos... Ese es el escenario, el desafío y la urgencia de la misión. El don inicial de Dios debe ser recuperado de todos los intentos por manipularlo, de degradarlo, de

utilizarlo en beneficio de unos pocos. La vida pierde esplendor, no se manifiesta en toda su plenitud, queda degradada por la inmoralidad o por la injusticia. El mundo se ve penetrado por una caducidad que conduce a la muerte y a la desaparición.

En ese escenario queda una inmensa tarea por hacer. Desde la salida del paraíso Dios asume su responsabilidad, movido por la misericordia que se despierta ante los clamores de sus doloridas criaturas: despliega el horizonte de la esperanza porque garantiza su fidelidad y su promesa. Esa es la misión a la que Dios se compromete, pero no se puede realizar de hecho sin la colaboración de los seres humanos.

Dios llama porque hay una tarea que cumplir

Se requiere por tanto la responsabilidad de los seres humanos, sin la cual no se podría transformar la historia (¿dónde estás, Adán?, ¿dónde está tu hermano, Caín?, son las primeras interpelaciones que plantea Yahvé). Los seres humanos son interpelados, llamados, convocados *como protagonistas* de esa misión de Dios. La misión antecede siempre a la vocación, una persona concreta es llamada porque hay una tarea que cumplir. Es una ley constante en el relato bíblico.

Caso paradigmático lo ofrece Abraham. Sobre el transcurso de una humanidad desgarrada en babel, que no consigue entrar en comunicación (como lo muestra la diversidad de lenguas), es llamado para que sirva como *mediador de la bendición* de Dios en favor de todos los seres humanos; esa misión se condensa en el cambio de nombre: se llamará *Abraham* porque será padre de una muchedumbre de pueblos. La fe de Abraham consiste ante todo en decir *heme aquí*, como gesto de disponibilidad para la tarea que se le encomienda.

En esta lógica de Abraham hay que comprender la experiencia profunda de Moisés y de los profetas, de la virgen María y del mismo Jesús. La intimidad con Dios los pone siempre en camino, los hace salir de sí porque la historia sigue atravesada por el clamor de tantas lágrimas y lamentos, porque sigue resonando la protesta frente a tanta injusticia y tanta opresión. *Los mediadores son por ello necesariamente misioneros*, porque se encuentran al servicio de la misión de Dios.

La misión (de Dios y de los colaboradores humanos) apunta siempre hacia el futuro. El dolor del presente y la añoranza del paraíso se orientan siempre hacia una creación renovada, cuando el mundo viejo y caduco quede re-creado y cuando los seres humanos sean restaurados desde lo más íntimo de su corazón. Las primeras y las últimas páginas de la Biblia ofrecen la clave para la comprensión de todo el relato: desde el umbral del paraíso se lanza la mirada a la situación en la que no haya ni llanto, ni dolor, ni lágrimas, ni muerte.

La pasión por Dios y su justicia

Este es el mensaje y el aliento de los profetas: les mueve la pasión por Dios y por su justicia, que es reflejo del apasionamiento del mismo Dios, de su compasión hacia sus hijos. Precisamente la intimidad de su relación con Dios les hace tomar conciencia de su misión en favor de los vulnerables. Es paradigmático el ejemplo de Isaías. Cuando contaba su vocación, tras relatar su visión de la santidad de Dios, escuchó «la voz del Señor que decía: ¿a quién enviaré?...Y yo le dije: Heme aquí, envíame a mí... Y él me dijo: Ve y di a ese pueblo...» (6,8-9).

Los profetas denuncian, acusan y critican en nombre de Dios, incluso vaticinan catástrofes y desastres. Pero en medio de la devastación abren siempre la puerta a la esperanza, al futuro prometido por Dios. El mismo Isaías es testigo de ello. El consuelo de Dios es más fuerte que la ira que

suscita en él la expansión del mal. Los seres humanos son sus hijos, y se conmueven sus entrañas al constatar tanto dolor y tanta injusticia. Tras proclamar la devastación universal, entona el cántico de los redimidos, porque Yahvé va a preparar sobre el monte de Sión un banquete para todos los pueblos, «y destruirá la muerte para siempre, y enjugará el Señor las lágrimas de todos los rostros» (25, 6-8). Esta visión del profeta es la que cierra las páginas de la Biblia (Ap 21,4), la meta de la misión.

El c. 61 presenta al profeta proclamando un jubileo, la recuperación del sueño de Dios: «El Espíritu del Señor, Yahvé, está sobre mí, pues me ha ungido, me ha enviado para predicar la buena nueva a los abatidos y sanar a los de quebrantado corazón, para anunciar la libertad a los cautivos y la liberación a los encarcelados. Para publicar el año de gracia de Yahvé y un día de venganza de nuestro Dios». Estas son las palabras que Jesús leyó en la sinagoga de Nazaret al iniciar su actividad pública. Lo significativo es que se las aplica a sí mismo como características de su misión. Pero introduce una diferencia que no puede pasar desapercibida: el evangelista Lucas elimina la referencia al desquite, a la venganza, a la revancha. Tales palabras y actitudes no tienen cabida en el Reino de Dios. Jesús, sobre la base del amor incondicional de Dios, asume como tarea suya eliminar los rasgos de ese mundo viejo para establecer el Reinado de Dios en el que no haya cautivos, encarcelados, abatidos, quebrantados...

La espiritualidad de la misión

El compromiso misionero reclama una espiritualidad adecuada, es decir, actuar bajo el aliento del Espíritu. Esta espiritualidad debe poseer tres características fundamentales:

a) ha de ser *teologal*, porque tiene su raíz en la experiencia de Dios y ha de ser fiel a la misión de Dios; no ha de ser vista como fruto del esfuerzo

o de las ideologías humanas, sino como reflejo o icono de la misión iniciada y protagonizada por la Trinidad;

b) ha de ser *profética*, porque afronta los conflictos de la realidad, las estructuras y causas que los provocan, y por ello la hondura de las transformaciones que se requieren; el profeta no cae sin embargo en la dialéctica de la violencia o de la venganza, intenta ir más allá, porque Dios actúa con un amor incondicional, buscando siempre integrar y acoger para transformar los corazones y las intenciones;

c) ha de ser *escatológica*, porque tiene la mirada puesta en la plenitud, en la consumación, y desde allí recibe una esperanza que le empuja al compromiso; el Resucitado y la alegría que suscita anticipan en medio de nuestro mundo la situación de felicidad a la que todos estamos llamados, no generan pasividad o satisfacción individualista sino apertura y acogida; la esperanza encierra una enorme potencialidad movilizadora para el compromiso y para la entrega de la propia vida en favor de los otros.

3.- En y desde la iglesia local, sujeto de la pastoral y la misión

En la lógica del Misterio de Dios la Iglesia es necesaria para que la misión pueda ser realizada. La Iglesia debe ser vista como una realidad personal: la Iglesia son (*somos*) *las personas* que, a partir de la comunión trinitaria, actúan como mediadores y misioneros. Son las personas que, seducidas por la alegría de la experiencia pascual, actúan como testigos de esa novedad en todos los lugares, hasta los confines de la tierra.

Durante siglos, de modo especial en la Iglesia latina, ha dominado una concepción (y una vivencia) unitaria y centralizada de la Iglesia. Las diócesis eran vistas como circunscripciones administrativas de la Iglesia y los obispos como delegados del Papa, pues de él procede todo el poder en la Iglesia. Este planteamiento, sin embargo, es una simplificación y un reduccionismo que

surgió por circunstancias históricas diversas, que no podemos analizar aquí. Pero no podemos dejar de mencionar un dato: dentro de esa mentalidad se fundaban “misiones”, consideradas a un nivel inferior que el de las diócesis de vieja cristiandad. La gran novedad de los tiempos recientes es que las “misiones” son reconocidas como iglesias en el auténtico sentido de la palabra. Ello obliga a mirar nuestra experiencia eclesial y misionera con otros ojos: desde el protagonismo de las iglesias y desde la importancia de la comunión de iglesias.

La importancia de la iglesia local

La Iglesia no existe en lo abstracto, sino (como afirmó el Vaticano II en LG 23) *en y desde las iglesias locales*. Sería un error identificar la Iglesia con una iglesia local determinada (la iglesia de Roma) o con una realidad que existiera por encima de las diócesis concretas. La Iglesia de Jesucristo se hace realidad histórica insertándose en los diversos grupos y pueblos: cuando un grupo de creyentes puede decir “nosotros” porque comparte la misma experiencia salvífica y la misma conciencia de misión.

Cuando se habla de diócesis se suele poner el acento en el aspecto burocrático o administrativo. Al hablar de “iglesia” se acentúa sobre todo el aspecto personal de un “nosotros” que se considera *sujeto y protagonista de la misión* que el Señor encomendó a su Iglesia y que debe ser realizada por todas ellas en comunión. Con razón el papa Francisco ha reafirmado que la iglesia local es el sujeto prioritario de la evangelización y de la pastoral. Y en la misma lógica la Iglesia, en cuanto «cuerpo de las iglesias» o «comunión de iglesias», debe ser vista como el sujeto de la evangelización a nivel mundial, en una civilización a la vez globalizada y multicultural.

El Nuevo Testamento muestra con claridad esta experiencia. San Pablo denomina “iglesias” a las comunidades que él ha fundado en diversas ciudades. Durante los primeros siglos se hablaba con normalidad de

“iglesias” que vivían en comunión. Los últimos siglos la actividad misionera ha hecho florecer numerosas comunidades cristianas que progresivamente han ido adquiriendo conciencia de sus peculiaridades y de su protagonismo. La experiencia de eclesiogénesis (es decir, del nacimiento de una iglesia como consecuencia de la acción misionera) se ha hecho real. Ya Benedicto XV en *Maximum Illud* habla de “iglesias jóvenes” y fomentaba la existencia de clero nativo, como condición necesaria para que esas iglesias fueran adquiriendo solidez y conciencia de sus potencialidades. La Iglesia mundial del tercer milenio comienza a experimentarse de nuevo como comunión de iglesias.

También la iglesia local en cuanto *nosotros* se vive como *intimidad itinerante*. La comunidad eclesial no surge en virtud de mecanismos psicológicos o sociológicos sino por la gracia y la llamada de Dios. Cada comunidad eclesial recibe su existencia como don y como gracia. Ello lo vive y celebra de modo especial en la liturgia, que actualiza el misterio pascual, y a partir de ahí lo anuncia con su palabra y con el testimonio de la caridad. Cada iglesia ofrece un modo de vivir en comunidad que significa la unidad fundamental de todo el género humano. Así recrea el mundo desde una fraternidad más profunda que la que aporta la raza o la sangre. La carta a los efesios en su capítulo segundo ofrece un ejemplo magnífico y visible: en la comunidad eclesial reencuentran la unidad los judíos y los gentiles que vienen de lejos, porque el Señor ha destruido el odio y la incompreensión entre ambos pueblos. De un modo muy hermoso dirá siglos después san Juan Crisóstomo: ningún cristiano puede sentirse extranjero en ninguna eucaristía del mundo: en torno al altar de la palabra y de la eucaristía todos se reencuentran como una familia en cualquier lugar del mundo.

La iglesia local vive de la misión y para la misión

La iglesia en un lugar no es un dato natural (como los árboles o el río) sino que surge como un acontecimiento suscitado por *alguien que vino de fuera*: el misionero. La acción de san Pablo se ha repetido muchas veces a lo largo de la historia. Hay que redescubrir y valorar en toda su fuerza el “momento mágico” en el que surge algo que no había antes: en esta ciudad o región no había iglesia y en un momento determinado ya hay iglesia. Ese paso sólo se puede entender porque se hizo presente una novedad que interpela y atrae: un modo de comportamiento, un testimonio de generosidad, una cercanía a la gente, una solidaridad con los pobres...que sólo se hacen comprensibles en virtud de un anuncio, del kerygma. Esa es la obra misionera en sentido estricto que, como también recuerda el papa Francisco, debe convertirse en el paradigma de toda acción eclesial.

La acción misionera muestra así todo su dinamismo: se va generando una pequeña comunidad que progresivamente va creciendo hasta consolidarse como iglesia en sentido propio. Pablo desde un momento muy temprano las valoraba como iglesias, sin que hiciera falta un gran número de personas o de instituciones. Lo esencial era la conciencia de hacer presente en el entramado social una novedad humana y social capaz de transformar el mundo. Con este modo de actuar se prolonga el dinamismo de Pentecostés: en medio de la pluralidad de pueblos la Iglesia se hace presente para recrear la unidad, ofreciendo como ámbito de encuentro el Evangelio.

El término *ekklesía* designa una realidad que vive en estado permanente de misión. El término fue tomado del ámbito civil y político pero con un contenido teológico singular: el grupo de cristianos constituyen una asamblea, *son asamblea*; esta existe porque ha habido una convocatoria, una invitación; esta ha sido escuchada por muchos, pero sólo algunos la acogen de modo positivo, y a partir de ahí se insertan en el dinamismo

misionero: a) entre la población pagana algunos asumen la novedad cristiana; b) ello los distancia del entorno y los une a quienes acogen el mismo mensaje; c) en la asamblea se proclama la Palabra y se actualiza el misterio pascual y de ahí reciben su identidad; d) la asamblea finaliza con el envío, con el retorno a las relaciones habituales, donde han de aportar un testimonio que siga interpelando a los observadores.

Cada iglesia concreta debe recordar la historia de sus orígenes: nació de un acto misionero. La iglesia que nace de la misión debe vivir para la misión: debe discernir, para ser fiel a su origen, discernir permanentemente cuáles son las barreras y las fronteras que debe rebasar, las orillas que debe saltar, las periferias en las que tiene que hacerse presente, los vulnerables que deben ser atendidos... (Hech 13,1-3 ofrece un ejemplo magnífico); y a la vez debe estar abierta a colaborar en comunión con otras iglesias en sus necesidades evangelizadoras. Desde el criterio de la misión podrá lograrse el rejuvenecimiento de la Iglesia y de cada iglesia.

MISSÃO INTERCULTURAL. COMO DERRUBAR OS MUROS DE HOSTILIDADE QUE NOS SEPARAM?

*José Antunes da Silva**

No título desta conferência está uma pergunta e intuímos uma resposta. À pergunta “Como derrubar os muros de hostilidade que nos separam?” é sugerida a “missão intercultural” como resposta. Todavia, aquela formulação leva-nos a articular outras questões como, por exemplo: Existem muros que nos separam? E, existindo, esses muros protegem-nos ou criam inimizade? E, sendo muros de hostilidade, podem ser derrubados pela missão intercultural? Todavia, a verdadeira resposta é outra: Cristo é a resposta. Ele é, na sua carne, aquele que derruba os muros que separam pessoas e povos. A missão intercultural é participação na missão de Cristo.

Um muro em Éfeso

A pergunta que dá o mote a esta conferência inspira-se num passo da carta de São Paulo aos Efésios (2,11-22)⁴. Paulo faz referência à divisão existente na comunidade de Éfeso entre judeus e gentios (gregos). Os dois grupos estavam separados e divididos a nível religioso e sociológico. Judeus e gregos tinham concepções muito diferentes sobre Deus e divergiam no modo de praticar a religião e observar costumes, normas e tradições. Ao contrário dos judeus, os gregos eram politeístas, veneravam as imagens dos seus ídolos, não praticavam a circuncisão, nem tinham as mesmas interdições

*José Antunes da Silva, svd é o Vice Superior Geral dos Missionários do Verbo Divino.

⁴ Esta conferência não versa sobre questões exegéticas. Todavia, a leitura de alguns estudos sobre a Carta aos Efésios foi de extrema utilidade para a elaboração desta reflexão. Entre outros, salientamos os seguintes: M. Barth, *Ephesians: Introduction, Translation, and Commentary on Chapters 1–3*, New Haven, 2008; F. F. Bruce, *The Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians*, Grand Rapids, 1984; A. Plantinga Pauw, “Theological Meditations on Ephesians 2:11-22”, in *Theology Today* 62 (2005), pp. 78-83.

alimentares. Na perspectiva dos judeus, os gentios estavam “excluídos da cidadania de Israel e estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2,12). Paulo utiliza os vocábulos “circuncisos” e “incircuncisos” para identificar e diferenciar os dois grupos. Esta divisão dava origem a preconceitos e ocasionava situações de intolerância e segregação mesmo no seio da comunidade cristã. Recorrendo ao conceito de “muro” como uma imagem para identificar esta separação, Paulo classifica-o como um muro de “inimizade” ou “hostilidade”⁵.

A situação da comunidade de Éfeso não era exceção. O mesmo acontecia noutras comunidades cristãs, onde judeus e gentios estavam separados por costumes e regras diferentes e entre eles havia uma inimizade latente. Na carta aos Colossenses, Paulo afirma que Cristo veio suprimir o ódio e destruir os muros que separam as pessoas e os grupos. Em Cristo dá-se um acontecimento novo e único na história da salvação. Em Cristo e através de Cristo, Deus reconciliou todas as coisas pelo sangue da sua cruz (cf. Cl 1,15-20) e os muros de hostilidade foram destruídos. Cristo é “a nossa paz” e de dois povos “fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade” (Ef 2,14). Na sua carne⁶, ou seja, na sua pessoa e na sua vida, culminando no sacrifício na cruz, Jesus Cristo não só destruiu as barreiras religiosas e sociológicas que separavam os dois grupos, mas também os reconciliou entre si e ambos com Deus. Ele é o agente da reconciliação e da nova criação⁷. Esta ação de Cristo insere-se no projeto salvífico de Deus para a humanidade (cf. Ef 1,3-14; 2,4-10; Cl 1,21-23). Através do seu sacrifício na cruz, Jesus

⁵ Paulo usa o substantivo grego *mesotoichon*, que significa uma divisão de uma casa. A outra palavra, *phragmos*, traduzida por “muro” significava originalmente uma sebe ou uma vedação erigida para proteger mais do que separar. A combinação das duas palavras em grego produz um sentido composto: é um muro que impede certas pessoas de entrar numa casa ou cidade e é, também, um sinal de hostilidade, por exemplo um muro que delimita um ghetto. Cf. M. Barth, p. 263.

⁶ A palavra grega *sarx* (carne) permite várias interpretações. Em Ef 2,14 Paulo refere-se ao corpo físico do Messias e ao sangue derramado na cruz e, deste modo, destacando quer o mistério da encarnação quer o mistério da redenção.

⁷ Cf. J. M. Granados Rojas, *La Teologia della Riconciliazione nell'Epistolario Paolino*. Roma, 2015, p. 127.

veio eliminar essa barreira de uma vez e para sempre (cf. Rm 3,24-26; Heb 9,12). A cruz revela o poder e o amor de Deus, mas, ao mesmo tempo, recorda-nos que a tarefa dos que lutam e trabalham pela paz e reconciliação é árdua e não se realiza sem dor nem sacrifício. Desde logo porque é uma tarefa que começa “em casa” nos indivíduos e nas comunidades.

O fruto da paz e da reconciliação é, na linguagem paulina, uma “humanidade renovada” (cf. Ef 2,15)⁸, uma nova criação (cf. Cl 1,20) e uma nova comunidade. Se alguém está em Cristo é uma nova criação, o que era antigo passou, eis que surgiram coisas novas (cf. 2 Cor 5,17). Nesta nova comunidade já não há nem “estrangeiros nem imigrantes”, mas todos são “concidadãos dos santos e membros da casa de Deus” (Ef 2,19). Ao mundo dividido por muros e inimizade, Jesus Cristo veio trazer a paz de modo que uma nova realidade pudesse despontar. Esta nova realidade não é uma ideia abstrata mas uma realidade concreta traduzida na comunidade cristã onde judeus e gentios podem conviver, já não numa atitude de competição e conflito, mas de comunhão e mútua colaboração. Este ideal ainda não realizado de forma plena na história já foi inaugurado por Cristo graças à sua morte e ressurreição.

A carta aos Efésios sublinha a alienação existente entre judeus e gentios para destacar a unidade alcançada em Cristo e por Cristo. Inspirados pelo texto de Paulo, os cristãos são desafiados a viver a vida nova em Cristo, aspirando às coisas do alto, abandonando a conduta de outrora e revestindo-se do homem novo (cf. Ef 4,17-24), reconciliados com Deus e com o próximo. Das palavras de Paulo podemos deduzir que a casa de Deus é como uma cidade onde todos somos cidadãos. Cristo alarga as fronteiras da

⁸ Esta nova realidade não anula a anterior, mas transcende-a. Segundo M. Barth, os judeus e os gentios, que estavam mortos pelo pecado e eram hostis uns aos outros e a Deus, são a matéria a partir da qual Deus cria o homem novo. Assim, a nova criação não é uma aniquilação ou substituição da primeira criação, mas a glorificação da obra de Deus. Cf. M. Barth, p. 310. Reconciliar é sinónimo de criar uma humanidade nova e isto realiza-se eliminando a inimizade, não os inimigos. Cf. J. M. Granados Rojas, p. 130.

comunidade quando destrói os muros; já não existe alienação entre judeus e gentios, pelo contrário, há uma comunidade unida e fraterna cujo fundamento é Cristo. Nesta comunidade nova e reconciliada já “não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus”, escreve Paulo dirigindo-se aos Gálatas (Gl 3,28; cf. Cl 3,11).

Os muros do século XXI

São Paulo, na carta aos Efésios, referia as divisões e os conflitos existentes na sociedade do seu tempo e como afetavam a vida das primeiras comunidades cristãs. Como no tempo de Paulo, hoje também há divisões e hostilidades entre pessoas, povos e culturas que afetam, condicionam e desafiam a vida e a missão da Igreja. Os povos, a quem o Senhor Jesus nos envia em missão, são muitos e variados nas suas expressões culturais, costumes, religiões, maneiras de organizar a vida social, familiar, modos diversos de expressar a beleza, visões diferentes sobre o futuro e a vida além da morte, etc. Podemos ainda acrescentar muitas outras diferenças, por exemplo, a nível da gastronomia, relações interpessoais, modos de expressar afetos, linguagens, conceção do tempo e do espaço, exercício da autoridade ou visões sobre o indivíduo e a pessoa humana. Às vezes, há conflitos entre grupos culturais devido a coisas muito concretas, por exemplo: o estatuto da mulher, a solidariedade familiar, os desentendimentos linguísticos ou as expressões religiosas no espaço público.

Atualmente existe um maior intercâmbio entre pessoas e culturas que no passado. Este intercâmbio gera mais riqueza, maior conhecimento dos outros, respeito e tolerância entre grupos diferentes. Por outro lado, crescem os preconceitos, o fundamentalismo e o nacionalismo, e levantam-se muros físicos e jurídicos para separar e discriminar grupos e pessoas. Um olhar

atento sobre o mundo contemporâneo constata o crescimento de atitudes e políticas etnocêntricas⁹ e fundamentalistas¹⁰. Alguns países, através de políticas sociais e culturais, procuram encontrar soluções a estes e outros problemas. As respostas podem ser agrupadas em dois modelos: o modelo francês, que privilegia as políticas de assimilação¹¹ e o modelo anglo-saxónico, onde o multiculturalismo é dominante¹². Todavia, estes dois modelos atravessam hoje uma profunda crise, sendo incapazes de dar uma resposta cabal e credível aos problemas sociais e humanos colocados pela imigração, o fluxo de refugiados, e o crescimento dos movimentos nacionalistas¹³.

O medo da extinção ou da absorção por um grupo maior e mais poderoso e o medo da perda da identidade são alguns dos fatores que estão também na origem das ideologias nacionalistas. Há partidos políticos e movimentos sociais que exploram a insegurança e o medo que a secularização, a modernidade e a globalização provocam nalgumas pessoas. O outro, diferente de nós, é visto como uma ameaça. Geralmente quando movimentos fundamentalistas e partidos nacionalistas assumem o poder, as minorias religiosas e culturais são das primeiras a serem discriminadas. Este é o mundo onde vivemos¹⁴. Ainda assim, como sabiamente reconhece um

⁹ Podemos definir o etnocentrismo como a atitude daquelas pessoas ou grupos que julgam as outras culturas somente através dos valores e normas da sua própria cultura, por exemplo, no que respeita à língua, comportamento, costumes e religião. O etnocentrismo pode conduzir ao fundamentalismo nacionalista.

¹⁰ O fundamentalismo religioso e cultural é uma reação à modernidade e à secularização, sendo fruto de uma crise cultural e do sentido de perda e está relacionado com as questões do sentido, identidade, poder, dignidade e autoestima das pessoas. É uma revolta contra o relativismo cultural. Cf. S. Michael, “Análisis Socio-político del Crecimiento del Fundamentalismo”, in L. Stanislaus e M. Hueffing (eds.), *Interculturalidad en la Vida y en la Misión*, Estella, 2017, p. 324.

¹¹ Por assimilação entende-se o conjunto de políticas culturais e sociais que buscam a integração dos estrangeiros e imigrantes através da adoção das normas e comportamentos do país anfitrião ou da cultura que acolhe.

¹² O multiculturalismo é um conceito usado para descrever situações onde pessoas pertencentes a diferentes grupos étnicos e culturais vivem em estreita proximidade, respeitam-se mutuamente, admitem e valorizam as diferenças.

¹³ Para uma visão crítica sobre estes dois modelos ver G. Verbunt, *Manifeste Interculturel. Changeons notre Façon de Penser la Culture*. Paris, 2016, pp. 27-74.

¹⁴ É pertinente reconhecer que não são apenas as diferenças culturais que estão na origem dos conflitos. Também há “muros” que separam pessoas e grupos por razões de género, religião, condição social, etc. Os muros culturais não são os únicos.

documento da Santa Sé sobre o diálogo intercultural, seria um erro considerar as diferenças étnicas e culturais como a causa de todos os conflitos que abalam o mundo. A realidade é que eles têm raízes políticas, económicas, étnicas, religiosas e territoriais; de forma alguma, exclusivamente ou primariamente cultural. O elemento cultural, histórico e simbólico é utilizado, no entanto, para mobilizar as pessoas, a ponto de estimular a violência baseada em elementos de competitividade económica, desigualdade social e absolutismo político¹⁵.

Missão: derrubar muros e erradicar as sementes do ódio

Neste contexto tão diversificado a nível social, religioso e cultural, a Igreja acredita que ainda tem uma missão. O evangelho de São Mateus recolhe aquilo que habitualmente é designado como o mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado” (Mt 28,19-20). Jesus envia os discípulos em missão e confia-lhes a tarefa de fazer discípulos de todos os povos, batizando-os e ensinando-os. A história da Igreja testemunha as diversas estratégias e metodologias que os cristãos foram desenvolvendo para anunciar o Evangelho e dar resposta a este mandato missionário.

Nalgumas épocas do passado, a missão foi compreendida como uma tarefa cuja meta principal era a implantação da Igreja visível nos países onde ainda não estava implantada com hierarquia própria (nativa) e os sacramentos. Ou então, era vista como um meio para levar a doutrina cristã a todas as latitudes, convertendo as almas a Cristo e inserindo as pessoas na Igreja mediante o batismo. Atualmente, no seguimento do Concílio Vaticano

¹⁵ Cf. Congregation for Catholic Education, *Educating to Intercultural Dialogue in Catholic Schools*. Città del Vaticano, 2013, §5.

II, a missão da Igreja é entendida como participação na missão de Deus. Enquanto *missio Dei*, a missão tem o seu fundamento no desígnio amoroso de Deus que enviou o seu Filho ao mundo para que o mundo seja salvo por Ele (Jo 3,17) e continuamente convoca e envia os cristãos na força do Espírito (Act 1,8) a colaborarem na sua obra salvífica (1 Cor 3,9). A Igreja participa neste projeto divino, estando ao serviço do Reino de Deus e do Evangelho. A este propósito são pertinentes e desafiadoras as palavras do Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176).

Regressando ao texto de Efésios 2,14, podemos dizer que os cristãos participam na missão de Cristo quando trabalham para eliminar ódio que divide e corrói as sociedades e as pessoas. Etty Hillesum, uma das inumeráveis vítimas do ódio e da violência do nazismo, deixou-nos um testemunho de lucidez quanto às causas da barbárie a que o ser humano pode descer. No meio de tantas privações, violência gratuita, violação dos direitos humanos, esta jovem judia, morta em Auschwitz, em 1943, conseguiu identificar o cerne das tragédias que dilaceravam a Europa. Mesmo no campo de concentração ela tem plena consciência de que cabe individualmente a cada ser humano trabalhar para reverter a marcha de ódio e de morte que atravessa a história. Etty afirma que todo o ódio que está em nós deve ser suprimido, pois enquanto nos nossos corações permanecer a mais pequena semente de ódio, as guerras não terminam. O ódio é uma doença da alma, escreveu no seu *Diário*¹⁶. Noutra passagem confessa que já não acredita que se possa melhorar alguma coisa no mundo exterior sem que, primeiro, tenhamos feito a nossa parte dentro de nós¹⁷.

Voltando à pergunta inicial podemos afirmar que quem na verdade derruba os muros é o próprio Cristo. Na carta aos Efésios, a reconciliação é

¹⁶ Entrada de 15 de Março de 1941. Edição italiana: E. Hillesum, *Diario 1941-1943*. Milano, 2013.

¹⁷ Entrada de 19 de Fevereiro de 1942.

entendida de forma unilateral porque está unida ao conceito de *(re)criar* (cf. Ef 2,15). Assim, a primeira intuição em Ef 2,14 é deixar que seja Cristo a destruir os muros de separação e a recriar cada pessoa e toda a comunidade. A missão da Igreja é participar nesta missão de Cristo, derrubando os muros que nos separam e construindo comunidades onde a reconciliação seja possível. A missão intercultural é a tradução hodierna da resposta da Igreja ao mandato missionário de Jesus. Através da missão intercultural participamos na missão de Cristo de destruir os muros da inimizade e colaborar na formação de comunidades fraternas. Esta é uma tarefa simultaneamente comunitária (derrubar os muros que separam e partilhar os dons que nos enriquecem) e individual (erradicar as sementes do ódio que há dentro de cada um de nós).

Definindo interculturalidade

Hoje, mais do que no passado, as pessoas deslocam-se com mais facilidade e, nesta deslocação levam consigo os traços característicos da sua cultura e as suas tradições religiosas. Esta mobilidade põe em contacto diferentes culturas nem sempre de forma pacífica.

Cada cultura é como que um mapa que fornece orientação no labirinto da vida; cada uma é um modelo perante o qual se constroem e avaliam comportamentos, e se define o grau de pertença a um grupo¹⁸. As culturas não estão isoladas em compartimentos estanques, mas conectadas entre si.

¹⁸ A cultura é um conjunto de concepções do mundo, da sociedade e da pessoa partilhadas por um grupo e expressas em formas simbólicas, comportamentos e modos de organizar a vida em sociedade. Existem inúmeras definições de cultura, propostas por antropólogos, filósofos, sociólogos e até teólogos. Aqui seguimos a definição de C. Geertz, *The Interpretation of Cultures*. New York, 1973, p. 89 [trad. portuguesa: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, 1978, p. 103]. Também é importante mencionar que da parte da Igreja houve uma mudança significativa relativamente às culturas. O Concílio Vaticano II, através da constituição dogmática *Lumen Gentium*, reconhece a pluralidade das culturas, afirmando que elas são diferentes modos de “usar as coisas, de trabalhar, de exprimir, de praticar a religião, de formar os costumes, de estabelecer leis e instituições jurídicas, de fazer progredir as ciências e as artes e de cultivar a beleza”, que dão origem a “diversos estilos de vida e a diversas escalas de valores” (GS 53).

Esta relação dinâmica origina mudanças culturais, às vezes sob a forma de retrocessos. Às vezes, sob o “chapéu” legitimador da cultura, existem certos tipos de dinamismo cultural que atentam contra a integridade física das pessoas e a sua dignidade (vendeta, pena capital, excisão feminina, etc...). Gilles Verbunt adverte que uma cultura em que estas práticas são justificadas porque “sempre foi feito assim”, “faz parte da nossa cultura”, serve os interesses dos regimes autoritários¹⁹. Este autor recorda que as culturas também servem de pretexto para legitimar guerras civis, marginalizar minorias, desencadear conflitos internacionais, estando ao serviço de políticas hegemónicas ou separatistas em vez de criarem condições para uma melhor convivência²⁰. A interculturalidade é caminho para superar os constrangimentos provocados quer pelas políticas culturais, que privilegiam e absolutizam as diferenças quer por aquelas que têm como objetivo a assimilação e a uniformidade. Como diz Verbunt, a interculturalidade é uma opção política que visa superar a assimilação *à la française* e o multiculturalismo anglo-saxónico²¹.

A interculturalidade refere-se à interação sustentada e continuada entre pessoas criadas em ambientes culturais diferentes. Pessoas de diferentes grupos culturais interagem umas com as outras, aprendem juntas, constroem relações e conseguem transformar-se a partir das experiências de todos. A interculturalidade implica uma passagem de uma atitude que tolera as diferenças para a valorização e celebração da diferença entre as culturas²². Roger Schroeder acrescenta que a interculturalidade procura restaurar relacionamentos corretos que favoreçam o enriquecimento mútuo e sejam mutuamente desafiantes²³. As diferenças entre as culturas são reais e

¹⁹ Cf. G. Verbunt, p. 66.

²⁰ *Ibid.*, p. 74.

²¹ *Ibid.*, pp. 213-216.

²² Cf. L. Stanislaus e M. Hueffing, pp. 23-24.

²³ Cf. R. Schroeder, “Intercultural perspective”, in L. Stanislaus e van Thanh Nguyen (eds.), *Missionary Discipleship in Glocal Contexts*. Siegburg, 2018, p. 157. O autor passa em revista as ideias subjacentes à

manifestam a riqueza artística e intelectual da humanidade. Cada pessoa e cada grupo cultural contribui com as suas especificidades para a riqueza comum. O intercâmbio intercultural é um enriquecimento pois a variedade traz novo vigor às nossas ideias e práticas e permite descobrir novos horizontes. Neste sentido, os paladinos da interculturalidade estão em oposição aos que defendem a supressão das diferenças como caminho para favorecer a convivência e o bem comum²⁴.

O termo “intercultural”, amplamente usado nas ciências sociais recebeu, posteriormente, um significado adicional, adquirindo um profundo significado teológico. Na linguagem teológica e missiológica, a interculturalidade significa um empenhamento intencional, em viver e expressar a fé através da própria cultura e, ao mesmo tempo, ser capaz de aprender com os outros e com eles colaborar na criação de uma visão comum. No campo da evangelização, a interculturalidade significa uma constante prática de enriquecimento mútuo, onde os interlocutores são desafiados uns pelos outros a trabalhar para o enriquecimento mútuo. Assim, a interculturalidade é muito mais do que viver e trabalhar juntos como se poderia pensar. No campo da missiologia, a interculturalidade foi um avanço resultante da ideia conciliar do reconhecimento positivo de que cada cultura possui “sementes do Verbo” (cf. AG 11) e que no coração de cada pessoa há coisas boas que não se podem perder, mas ao mesmo tempo, há elementos nas culturas e ritos dos povos que precisam de ser iluminados pelo Evangelho

proposta dos cientistas sociais. Estes argumentam que a interculturalidade dá resposta a três fenómenos que promovem relações inadequadas: globalização, pós-colonialismo e etnocentrismo. Na perspectiva dos sociólogos, a interculturalidade permite contrabalançar a tendência globalizante de supressão das identidades nacionais e étnicas e das iniciativas financeiras locais. Permite, igualmente, confrontar o pós-colonialismo nas áreas da economia e da organização social. Possibilita, também, confrontar o etnocentrismo defendendo que cada cultura deve ser compreendida e apreciada como um caminho apropriado para satisfazer o desejo de sentido, ordem e identidade presente em todos os grupos e pessoas.

²⁴ A convivência entre todos e o bem comum são critérios a partir dos quais as culturas também podem ser criticadas. Cf. G. Verbunt, pp. 152-153.

(cf. LG 17)²⁵. É neste contexto multicultural que a Igreja é convocada para a missão.

Espiritualidade trinitária e missão intercultural

Os cristãos professam que Deus é uno e trino. Deus é Pai, origem de todas as coisas; é Filho, a Palavra feita carne; é Espírito Santo, que dá vida e anima a comunidade crente²⁶. A recente teologia trinitária coloca em relevo a diferença existente entre as três pessoas divinas e a sua mútua interdependência, superando ideias precedentes que davam a entender uma espécie de divisão de tarefas no seio da Trindade: o Pai que criou o mundo, o Filho que o redimiu, e o Espírito Santo que continua a agir na história. Ora tudo o que Deus faz é feito por Deus e não por uma ou outra pessoa da Trindade isolada das outras duas²⁷.

Estamos chamados a viver com os outros a mesma vida de relação e de comunhão existente no seio da Trindade. De certo modo, a doutrina trinitária corrobora a crítica feita às atitudes individualistas e etnocêntricas características da reação à globalização. Ser pessoa, defende D. Cunningham, é estar em relação ou talvez numa multiplicidade de relações²⁸.

Na encíclica *Caritas in Veritate*, o Papa Bento XVI defende que a relação entre as pessoas só pode ganhar com a referência ao modelo trinitário: “A Trindade é absoluta unidade, enquanto as três Pessoas divinas são pura relação. A transparência recíproca entre as Pessoas divinas é plena,

²⁵ Na teologia da missão também se utiliza a expressão “missão *inter gentes*” para expressar esta nova dinâmica missionária e esta nova compreensão da missão como uma tarefa intercultural. A expressão *inter gentes* sinaliza uma tentativa em ultrapassar as limitações do modelo anterior, conhecido como missão *ad gentes*, que distinguia entre os enviados (os missionários) e destinatários (os ouvintes). A missão intercultural é missão *inter gentes* ao destacar a possibilidade e o potencial de uma missão mútua e colaborativa *pelos e para* os povos, as religiões e as culturas do mundo. Estes são simultaneamente enviados e destinatários. Cf. J. Y. Tan, “Missio Inter Gentes”, in L. Stanislaus e M. Ueffing, pp. 68-81.

²⁶ Cf. Catecismo da Igreja Católica, §§253-255.

²⁷ Cf. D. Cunningham, “The Trinity”, in K. Vanhoozer (ed.), *The Cambridge Companion to Postmodern Theology*, Cambridge, 2003, p. 189.

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 199.

e a ligação de uma com a outra total, porque constituem uma unidade e unicidade absoluta. Deus quer-nos associar também a esta realidade de comunhão: ‘para que sejam um como Nós somos um’ (Jo 17, 22)”. As relações entre as pessoas, prossegue o Papa, “só podem ganhar com a referência a este modelo divino” (CV 54). E, numa alusão à relação entre povos e culturas, Bento XVI escreve: “a unidade da família humana não anula em si as pessoas, os povos e as culturas, mas torna-os mais transparentes reciprocamente, mais unidos nas suas legítimas diversidades” (CV 53). Na Trindade, nem a unidade nem a diversidade têm a precedência. Ambas são parte da natureza de Deus e, por isso mesmo também parte da natureza essencial da criação, feita à imagem de Deus. Ora isto leva-nos a considerar a Trindade como um dos fundamentos teológicos da interculturalidade²⁹. A doutrina trinitária ilumina a mútua reciprocidade existente entre todas as pessoas e, também, toda a criação. A missão intercultural está profundamente enraizada na dinâmica da diferença, comunicação e comunhão da Trindade.

Uma espiritualidade trinitária inspirada e alicerçada na doutrina da Trindade tem consequências práticas para a missão. A interculturalidade reflete o Deus uno e trino, paradigma da relação entre as pessoas. Deste modo, a missão intercultural, à imagem da Trindade, respeita a individualidade de cada pessoa e de cada cultura. Ao mesmo tempo promove um diálogo que respeita a diferença, nutre a reciprocidade e cultiva uma autêntica complementaridade. Deste modo, uma espiritualidade trinitária sustenta as seguintes atitudes básicas necessárias para o cultivo da missão intercultural: respeito pela individualidade e promoção da comunidade; inserção na comunidade, mas, ao mesmo tempo, capacidade de sair ao encontro dos outros; reconhecimento das próprias debilidades e mútuo

²⁹ Cf. R. Kisala, “Theological Foundations of Interculturality”, *Verbum SVD* 54 (2013), p. 28.

crescimento para a plenitude; fidelidade à tradição e busca de novos caminhos³⁰.

Missão intercultural: acolher o outro na sua diferença e riqueza

Até um passado recente, a maior parte dos missionários procedia dos países do Norte e do Ocidente e eram enviados em missão para a África, a Ásia ou a América Latina. Atualmente, há um significativo movimento de missionários oriundos do Sul para o Norte e do Oriente para o Ocidente. Esta conjuntura está a alterar a dinâmica da missão e o rosto da Igreja. Devido a este fenómeno a composição de muitas congregações missionárias é multicultural e esta realidade tem consequências na sua vida interna e na praxis pastoral³¹. Quando membros novos chegam a uma comunidade e não pensam ou comportam como se espera deles, as diferenças culturais tornam-se imediatamente patentes.

As ciências sociais têm destacado o potencial da interculturalidade como contributo para a criação de um mundo no qual indivíduos, comunidades e nações interagem de uma forma mais apropriada e mutuamente enriquecedora³². A interculturalidade representa um passo positivo na tentativa de constituir comunidades fraternas de membros oriundos de vários povos e nações. Todavia não basta viver e trabalhar juntos. Isso seria uma comunidade internacional e multicultural, onde

³⁰ Cf. P. Budi Kleden, "Espiritualidad Trinitaria e Interculturalidad", in L. Stanislaus e M. Hueffing, pp. 68-81. Convém, também, referir a contribuição da antropologia bíblica para a missão intercultural. Por exemplo, na perspectiva bíblica, o ser humano não é um indivíduo isolado, mas uma pessoa, ou seja, um ser essencialmente relacional. Cf. Congregation for Catholic Education, §§34-37. Uma espiritualidade da interculturalidade pode recorrer a um conjunto de encontros interculturais narrados na Sagrada Escritura, por exemplo, o encontro de Jesus com uma mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30) e o encontro de Pedro com Cornélio (Act 10,1-48).

³¹ Segundo estatísticas recentes (Maio de 2019), há 288 missionários da Congregação do Verbo Divino a trabalhar na Europa, dos quais 210 asiáticos e 60 africanos. No continente americano trabalham 447 verbitas oriundos da Ásia e 196 da África. Na África trabalham 196 missionários verbitas oriundos da Ásia.

³² Cf. R. Schroeder, "Prophetic Dialogue and Interculturality", in C. Ross and S. Bevans (eds.), *Mission on the Road to Emmaus. Constants, Context and Prophetic Dialogue*, London, 2015, p. 217.

peessoas de origem e culturas diferentes vivem lado a lado pacificamente, respeitando-se mutuamente, mas sem grande contacto e, às vezes, vivendo em mútua indiferença. A diferença entre uma comunidade multicultural e uma comunidade intercultural vê-se, por exemplo, no papel do diálogo. No multiculturalismo, o diálogo é um instrumento para a coexistência pacífica. Numa comunidade intercultural, o diálogo também é um meio para a mútua conversão e o enriquecimento mútuo. A interculturalidade favorece o acolhimento e a interação, em pé de igualdade, de pessoas de diferentes culturas de modo a que todos, mutuamente, se enriqueçam. Neste sentido, uma comunidade intercultural já é missão sendo sinal visível de que é possível acolher o outro na sua diferença e antecipar uma Igreja onde o contributo de todos seja apreciado e valorizado³³.

No campo da missão, a interculturalidade desafia-nos a testemunhar a unidade e a diversidade do Reino de Deus, reconhecendo a presença e a atuação de Deus nos outros, nas suas culturas e religiões. Daqui decorre a importância de fomentar o respeito e o serviço mútuo, assim como a compreensão recíproca para que todos progridam no caminho da mútua transformação e contribuam para o bem comum.

Acolher o outro na sua diferença e na sua riqueza exige um contínuo processo de diálogo. Este traduz-se numa atitude de abertura, caracterizada pela escuta que sabe acolher o outro e aquilo que ele tem para nos oferecer e dizer. Esta abertura ao outro implica o respeito pelas suas convicções, história e percursos existenciais, nomeadamente a sua procura de Deus, os rituais e as doutrinas através das quais vive e expressa a sua crença. No já referido documento da Congregação para a Educação Católica afirma-se que, para ser eficaz, o diálogo deve tomar como ponto de partida um profundo

³³ Uma Igreja intercultural é já missão, é já evangelização em ato. O “estar com” já é missão, sem desvalorizar o trabalhar “com” e “para” os outros. Cf. R. Sudworth, “Being With: Christian Presence and Other Faiths”, in C. Ross and C. Smith (eds.), *Missional Conversations. A Dialogue Between Theory and Praxis in World Mission*, London, 2018, p. 55.

conhecimento da identidade específica dos vários interlocutores. Nesta perspectiva, a diversidade deixa de ser vista como um problema; pelo contrário, é uma vantagem e uma oportunidade para acolher e valorizar as diferenças³⁴.

Acolher o outro na sua diferença requer também o cultivo de uma atitude profética, no sentido de discernir quer aquilo que é positivo quer negativo na nossa cultura e na cultura dos outros e agir em consequência. Roger Schroeder defende que o diálogo profético esclarece a interação entre duas dimensões da relação intercultural: 1) o reconhecimento da presença de sementes do Verbo de Deus em todas as culturas; 2) o reconhecimento de que em todas as culturas também existem elementos contrários ao Reino que são um entrave ao anúncio do Evangelho³⁵. É óbvio que, do ponto de vista evangélico – que, em última análise, é o que nos orienta na missão – nem tudo é aceitável nas culturas³⁶.

Missão intercultural: criar uma nova comunidade

Na carta aos Efésios, São Paulo escreve que a nova comunidade está edificada sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus (cf. Ef 2,20). Na tradição bíblica, entre as várias funções da profecia há duas que se destacam: a denúncia das situações de injustiça e o anúncio da esperança. Os profetas são a voz crítica que denuncia o mal e desmascara as falsas pretensões de autoridade dos poderosos. Por outro lado, os profetas antecipam o futuro criando novas linguagens capazes de expressar alternativas e alimentar a esperança do povo. Tendo em

³⁴ Cf. Congregation for Catholic Education, §27.

³⁵ Cf. R. Schroeder, “Prophetic Dialogue and Interculturality”, p. 223.

³⁶ Como exemplos passíveis de criticismo, Verbunt menciona o racismo, a discriminação da mulher, as castas, etc. Este autor defende que, contrariamente ao que pretendem os relativistas temos o direito de criticar os costumes de outras populações, tal como criticamos nossa própria cultura, porque todos fazemos parte da mesma comunidade humana. Cf. G. Verbunt, p. 100.

consideração o texto da carta aos Efésios, podemos afirmar que a missão intercultural é prenúncio de realidades novas. Uma das dimensões proféticas da missão é manter viva a esperança do Reino e ensaiando já agora coisas novas, uma “cidade” onde não haja estrangeiros nem cidadãos de segunda classe, castas privilegiadas e grupos discriminados. Onde haja liberdade de expressão cultural e religiosa e onde ninguém seja discriminado pela sua origem, condição social, género, etc. É uma meta ideal, mas o Reino de Deus é um ideal ainda não realizado na sua totalidade e perfeição. No entanto, já podemos antever sua presença.

Chegados a este ponto, gostaria de salientar dois aspetos da missão intercultural enquanto ensaio e antecipação de realidades novas: a vida comunitária intercultural e o exercício da liderança.

Viver e trabalhar numa comunidade multicultural e interagir com outras nacionalidades e culturas não é fácil, dada a diversidade de costumes, línguas e cosmovisões. A construção de uma comunidade intercultural exige mais do que a convivência pacífica entre pessoas de várias culturas que vivem ou trabalham no mesmo espaço geográfico; requer também a decisão de entrar em processos de aprendizagem e conhecimento recíproco. Deste modo, a vida intercultural pode tornar-se um espaço frutífero de encontro, aprendizagem e relacionamento mútuo, descoberta e reconhecimento de talentos, animação e apoio recíproco, especialmente em tempos de dificuldade³⁷. As comunidades interculturais constroem-se em redor de um projeto comum capaz de congregar os seus membros e dar sentido a tudo o que eles fazem. Assim sendo, cada indivíduo deve comprometer-se a acolher e reconhecer a contribuição de cada um dos membros da comunidade. Devem ser criados espaços onde se possam ensaiar e arriscar iniciativas novas que promovam o crescimento da vida comunitária e da catividade pastoral, as

³⁷ Cf. “Documents of the 18th General Chapter SVD 2018”, *In Word and Deed* 6 (2018), §28.

frustrações possam ser articuladas, e onde se possam fazer correções sem constrangimentos³⁸.

O outro aspeto que gostaria de salientar é o exercício da liderança em contextos interculturais. Numa comunidade religiosa ou numa equipa missionária, composta por pessoas de várias culturas, há diversos modos de entender a autoridade e exercer cargos de liderança. Algumas culturas privilegiam uma organização social hierarquizada e fazem uma clara distinção entre os superiores e os subordinados. Outras culturas favorecem a igualdade entre os indivíduos. A missão intercultural deve estar consciente destas perspetivas diferentes e antagónicas de modo a desenvolver estratégias para ultrapassar os conflitos daí resultantes. De nada serve recorrer à tradicional observação de que sempre foi assim. Só é possível, como na parábola, deitar vinho novo em odres novos (cf. Mt 9,17). Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco defende a resolução dos conflitos não através do sincretismo, mas através da criação de uma síntese nova e promissora que ajude a preservar o que é válido e útil para ambos os lados. O Papa utiliza a expressão “diversidade reconciliada” defendendo que as comunidades interculturais podem ser um sinal profético num mundo dividido por linhas sociais, étnicas e culturais. Elas podem ser espaços onde a unidade trazida pelo Espírito pode criar harmonia entre todos, na sua diversidade cultural, sem sincretismos redutores (cf. EG 226-230).

Formação para a missão intercultural

A interação entre pessoas de culturas diferentes pode originar mal-entendidos, resistências e até ressentimentos, também no campo da evangelização. Daí a importância em desenvolver programas para que os

³⁸ Cf. A. Gittins, *Living Mission Interculturally. Faith, Culture, and the Renewal of Praxis*, Collegeville, 2015, pp. 23-29.

missionários possam adquirir competências interculturais³⁹. Ora, isto aprende-se, não é inato. A interculturalidade é uma arte e um processo que se desenvolve com o tempo⁴⁰.

O ponto de partida é a identificação dos requerimentos específicos que cada membro do grupo é suposto adquirir de modo a fazer a passagem das boas intenções para a prática de atitudes interculturais. O passo seguinte é entrar num processo de transformação e de conversão de mentalidades e atitudes que conduzirá à criação de uma realidade nova, novas inter-relações e novas expressões culturais. Ora, tudo isto requer preparação. Começa pela intencionalidade em adquirir conhecimento básico das características e traços das culturas em jogo. Requer também a existência de espaços seguros onde a partilha e a troca de opiniões seja possível sem preconceitos, discriminação, medo de julgamento. O processo de aprendizagem começa quando já somos capazes de reconhecer que as diferenças culturais não são defeitos físicos ou morais, mas categorias culturais e cada cultura é vista como uma entre muitas formas de interpretar o mundo e agir na sociedade.

John Kirby desenvolveu um modelo de aquisição de competências interculturais adaptado para comunidades religiosas e missionárias, em cinco etapas: negação, polarização, minimização, aceitação, adaptação⁴¹. Na fase da negação as diferenças não são reconhecidas. Na etapa da polarização, a

³⁹ A interculturalidade é uma escolha difícil porque coloca em questão muitas ideias, atitudes arraigadas, comportamentos dados como adquiridos. Há também vozes que consideram a interculturalidade como uma ameaça à nossa identidade, minando os fundamentos da sociedade, reduzindo a ligação à herança comunitária nacional e relativizando os valores da nossa cultura. A Congregação do Verbo Divino no seu XVII Capítulo Geral, realizado em 2012, reafirmou que a interculturalidade é a sua herança, compromisso e missão desde que S. Arnaldo Janssen fundou a Congregação. O Capítulo considerou importante a constituição de comunidades interculturais, afirmando que estas devem ser conscientemente criadas, intencionalmente promovidas, cuidadosamente tratadas e atentamente nutridas. Cf. “XVII General Chapter. ‘From Every Nation, People and Language: Sharing Intercultural Life and Mission’”, *In Dialogue with the Word* 11 (2012), §§3; 30.

⁴⁰ Cf. A. Milmanda, “Inserted Life. The Radical Nature of an Incarnated Spirituality”, in L. Stanislaus and M. Hueffing, *Intercultural Living*, Sankt Augustin, 2015, p. 43.

⁴¹ Cf. J. Kirby, “Construcción de la Competencia Intercultural”, in L. Stanislaus e M. Hueffing, pp. 137-163. Kirby adopta o modelo de desenvolvimento da sensibilidade intercultural (DMIS) de M. Bennett modificado pelo inventário de desenvolvimento intercultural (IDI) de Hammer e adapta-o ao contexto da formação para a missão intercultural.

diferença é vista como uma ameaça, havendo uma nítida divisão entre “nós” e “eles”. Na fase da minimização as diferenças são reconhecidas e aceites como superficiais. Na fase da aceitação começamos a perceber e a aceitar as valorizações que os outros fazem das suas culturas e tentamos olhar e compreender o mundo como eles o veem e interpretam. Na fase da adaptação os sujeitos definem a sua identidade cultural em termos plurais.

Nas etapas deste modelo de desenvolvimento intercultural são propostos diversos exercícios e estratégias para evoluir na aquisição de competências interculturais. Dadas as limitações e os condicionalismos próprios quer dos indivíduos quer das culturas, esta tarefa é sempre uma tarefa inacabada⁴². A meta ideal deste processo é a aquisição de uma identidade cultural em termos plurais que nos permita agir em mais de uma cultura. Todavia, realisticamente falando, é importante ter consciência da fase em que nos encontramos para podermos encetar estratégias de aperfeiçoamento intercultural de modo a sermos cada vez mais interculturalmente sensíveis.

No processo de aquisição de competências interculturais, o diálogo ocupa um lugar cimeiro. Entre as atitudes para o exercício de um diálogo intercultural destacam-se a empatia, a capacidade de escuta, o interesse em conhecer a cultura dos outros, a abertura ao que é diferente. Porém, entre todas as atitudes e, tendo como pano de fundo o texto da carta aos Efésios, que é o pretexto desta nossa reflexão, sobressai o desprendimento de si. Foi por meio da cruz que Cristo nos reconciliou com Deus e matou a inimizade, escreve Paulo (cf. Ef 2,16). Na cruz, Jesus Cristo esvaziou-se a si mesmo assumindo a condição humana e fazendo-se obediente ao Pai até à morte de cruz (cf. Fl 2,5-11). No seguimento deste gesto de Jesus Cristo, podemos

⁴² Ou, como bem expressa Kirby, a interculturalidade é o constante cultivo de aprender a lidar com a diferença, com honestidade e criatividade. Cf. J. Kirby, “Meeting the Challenge of Diversity”, *Verbum SVD* 56 (2015), pp. 125-126.

entender o desprendimento como uma atitude de eleição voluntária dos interesses dos outros a expensas dos próprios interesses. O desprendimento de si traduz-se na capacidade para “desaprender”. Na verdade, quando somos capazes de relativizar a nossa maneira de ser, as nossas ideias, hábitos culturais e rotinas, já estamos a dar um passo ao encontro dos outros. Ou seja, podemos participar numa missão onde somos simultaneamente aprendizes e anunciadores⁴³.

Conclusão

O horizonte da interculturalidade não é o que nos separa dos outros e nos distingue, mas o que nos une, ou seja, a relação. Neste sentido, a interculturalidade é uma escolha política, ecológica e ética⁴⁴. No campo da evangelização, a interculturalidade é o caminho para ultrapassar quer posições de uniformidade, por exemplo uma igreja à imagem da igreja europeia e ocidental, quer a pulverização em inúmeras versões eclesiais atomizadas e autónomas. O desafio da missão intercultural é criar uma situação nova onde as diferenças não sejam fator de conflitos insanáveis, mas possam ser geridos de forma sistemática e onde os diferentes valores sejam partilhados, assumidos e, se necessário, transformados para melhor possibilitarem a tal cidadania e a paz de que fala São Paulo na carta aos Efésios.

A memória viva de Jesus Cristo pode contribuir decisivamente para a transformação das pessoas, das culturas e das sociedades, criando espaços onde todos se sintam acolhidos, respeitados e amados. Contudo, esta memória não se pode impor através de estratégias mais ou menos organizadas, mas deve

⁴³ R. Sudworth descreve esta missão como “a mission that can learn, even as it continues to proclaim”. R. Sudworth, “Being With: Christian Presence and Other Faiths”, p. 63.

⁴⁴ Cf. G. Verbunt, pp. 220-222.

manifestar-se sobretudo através do testemunho de vidas concretas, apaixonadas por Cristo (cf. EG 266). Na mensagem para o Dia Mundial das Missões deste ano (2019), o Papa Francisco escreve que a celebração do mês missionário ajudar-nos-á a reencontrar o sentido missionário da nossa adesão de fé a Jesus Cristo. Esta vida nova e divina “não é um produto para vender – não fazemos proselitismo –, mas uma riqueza para dar, comunicar, anunciar: eis o sentido da missão”. O objetivo da missão intercultural é cativar pelo testemunho de vida (individual e eclesial) para que também outros façam o seu percurso pessoal de adesão a Jesus Cristo.

Existem muros de hostilidade que nos separam? Pode a missão intercultural derrubar os muros que separam pessoas e povos? Hoje, tal como em Éfeso no tempo de São Paulo, há muros que nos separam e criam distância e inimizade. Porém, em Cristo os muros já foram derrubados. A nós compete-nos, enquanto peregrinos na história, participar na sua missão eliminando as sementes do ódio que há em nós e acolhendo e valorizando as diferenças. Se assim for, acredito que a missão intercultural será resposta adequada e atual para anunciar o Evangelho e testemunhar o advento do Reino de Deus.

O ESPÍRITO SANTO, «PESSOA-DOM», PROTAGONISTA DA MISSÃO NO LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS

António José da Rocha Couto *

A expressão «O Espírito Santo, protagonista da evangelização» encontra-se na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 8 de Dezembro de 1975⁴⁵, e é depois retomada na Carta Apostólica *Redemptoris Missio*, de 7 de Dezembro de 1990, com uma ligeira alteração: «O Espírito Santo, protagonista da missão»⁴⁶. Neste último Documento, João Paulo II faz expressamente a colagem desta expressão ao Livro dos Atos, quando refere que a expressão tem o seu berço em S. Lucas, sobretudo no Livro dos Atos dos Apóstolos⁴⁷. O bem fundado desta afirmação do protagonismo do Espírito Santo na missão, e da sua ligação com o Livro dos Atos dos Apóstolos, foram já, de resto, verificadas e confirmadas por um exegeta atento e perspicaz como Rinaldo Fabris, que, no seu conceituado Comentário ao Livro dos Atos dos Apóstolos, pôde afirmar que, nesse Livro, «desde o início, o verdadeiro protagonista da missão é o Espírito Santo»⁴⁸.

Mas também o leitor o pode verificar e confirmar facilmente, dado que, no plano narrativo do Livro dos Atos dos Apóstolos, o Espírito Santo se faz presente por 56 vezes, assim distribuídas ao nível do vocabulário: 41 vezes «Espírito Santo», com ou sem artigo; 10 vezes «o Espírito»; 2 vezes

*D. António José da Rocha Couto é bispo da Diocese de Lamego.

⁴⁵ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 75.

⁴⁶ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, Capítulo III.

⁴⁷ JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 24.

⁴⁸ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos. Tradução e comentários*, São Paulo, Loyola, 1991, p. 251.

«o meu Espírito»; 2 vezes «o Espírito do Senhor»; 1 vez «o Espírito de Jesus». Como a seguir se pode ver.

I. O ESPÍRITO SANTO NO PLANO NARRATIVO DO LIVRO DOS ATOS: DENOMINAÇÃO, AÇÃO E EFEITOS

Com base no critério da denominação (Espírito Santo, Espírito, meu Espírito, Espírito do Senhor e Espírito de Jesus), organizámos em 56 textos tudo o que no Livro dos Atos diz respeito ao Espírito Santo. Seguindo o fio condutor da denominação, os textos deixam ver também de forma clara, através da rede verbal, a ação do Espírito Santo e os efeitos dessa ação.

1.1. Espírito Santo (41x)

Texto 1. «Até ao dia em que tendo instruído (*entéllomai*) **pelo Espírito Santo** (*dià pneúmatos hagíou*) os Apóstolos que ele tinha escolhido, foi elevado» (At 1,2).

Contexto: No prólogo do Livro dos Atos, Lucas recorda e resume a Teófilo a atividade de Jesus até à Ascensão.

Texto 2. «João batizou com água, mas vós **no Espírito Santo** (*en pneúmati hagíô*) sereis batizados depois destes, não muitos dias» (At 1,5).

Contexto: Antes da Ascensão, Jesus anuncia aos Apóstolos o cumprimento iminente da promessa do Pai.

Texto 3. «**RECEBEREIS** (*lémpsesthe*: fut. de *lambánô*) uma força (*dýnamis*), a **do Espírito Santo vindo sobre vós** (*epelthóntos toû hagíou pneúmatos eph' hymás*), e sereis minhas testemunhas (*mártyres*) em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria e até ao fim da terra» (At 1,8).

Contexto: O Espírito recebido está na origem do programa da missão no Livro dos Atos nas suas três etapas: Judeia, Samaria, terra inteira⁴⁹. «Nos Atos dos Apóstolos, a Igreja nasce, vive e cresce no dinamismo do Espírito Santo»⁵⁰

Texto 4. «Irmãos, era preciso (*édei*) que fosse cumprida a Escritura que disse antecipadamente (*proeîpen*) **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*), pela boca de David acerca de Judas, tornado o condutor (*toû genoménou hodegoû*) para aqueles que prenderam Jesus» (At 1,16).

Contexto: Discurso de Pedro justificando o fim trágico de Judas e abrindo lugar para a eleição de Matias.

Texto 5. «E todos foram **cheios** (*eplêsthêsan*: aor. pass. de *pímplêmi*) **do Espírito Santo** (*pneúmatos hagíou*) e começaram a falar outras línguas, segundo o Espírito (*tò pneûma*) lhes dava (*edídou*: imperf. de *dídômi*) de se exprimir» (At 2,4).

Contexto: Pentecostes de Jerusalém.

Texto 6. «Pela direita de Deus tendo sido exaltado (*hypsôtheís*: part. aor. pass. de *hypsóô*), e **a promessa do Espírito Santo** (*tèn epaggelían toû pneúmatos toû hagíou*)⁵¹ tendo RECEBIDO (*labôn*: part. aor² de *lambánô*) de junto do Pai (*parà toû patrós*), ele derramou o que vós vedes e ouvis» (At 2,33).

Contexto: Discurso de Pedro à multidão interpretando o Pentecostes de Jerusalém.

⁴⁹ J.-N. ALETTI, *Il racconto come teologia. Studio narrativo del terzo Vangelo e del libro degli Atti degli Apostoli*, Roma, Dehoniane, 1996, p. 30; A. BOTTINO, *La testimonianza nel libro degli Atti*, in R. FABRIS (ed.), *La Parola di Dio cresceva (At 12,24). Scritti in onore di Carlo Maria Martini nel suo 70º compleanno*, Bolonha, EDB, 1998, p. 322.

⁵⁰ R. LAVATORI, *Lo Spirito Santo dono del Padre e del Figlio. Ricerca sull'identità dello Spirito come dono*, Bolonha, EDB, 2.ª ed. revista e atualizada, 1998, p. 56.

⁵¹ Trata-se de um genitivo epexegetico.

Texto 7. «Pedro para eles: “Convertei-vos (*metanoêsate*: imp. aor. de *metanoéo*) e seja batizado cada um de vós no nome de Jesus Cristo (*epì tō onómati Iêsoû Christou*) para a remissão dos vossos pecados (*eis áphesin tōn hamartiōn hymōn*) e RECEBEREIS (*lémpsesthe*: fut. de *lambánō*) o **DOM do Espírito Santo** (*hê dôreà tou hagíou pneúmatos*)”» (At 2,38)⁵².

Contexto: Discurso de Pedro interpretando o Pentecostes de Jerusalém e apelando à conversão em ordem a um novo Pentecostes.

Texto 8. «Então, Pedro, tendo sido **cheio** (*plêstheís*: aor. part. pass. de *pímplēmi*) **do Espírito Santo** (*pneúmatos hagíou*), disse-lhes: “Chefes do povo (*laós*) e anciãos...”» (At 4,8).

Contexto: Discurso de Pedro no Sinédrio.

Texto 9. Senhor, Tu «que **pelo Espírito Santo** [falando pela] pela boca de David, teu servo (*país*), nosso pai, dizes: “Por que se tornaram arrogantes as nações e os povos planejaram coisas vãs?”» (At 4,25)⁵³.

Contexto: Oração dos Apóstolos e da Igreja após a libertação de Pedro e João.

Texto 10. «E quando rezaram, foi sacudido (*esaleúthê*: aor. pass. de *saleúō*) o lugar onde foram reunidos (*synêgménoi*: part. perf. pass. de *synágō*). E foram **cheios** (*eplêsthēsan*: aor. pass. de *pímplēmi*) todos **do Espírito Santo** (*tou hagíou pneúmatos*) e falavam (*eláloun*: imperf. de *laléō*) a palavra de Deus com inteira liberdade (*metà parrêsías*)» (At 4,31)⁵⁴.

Contexto: 2.º Pentecostes em Jerusalém, com a presença dos Apóstolos e de outros irmãos, após a libertação de Pedro e João.

⁵² Trata-se de um genitivo epexegetico.

⁵³ Citação do Sl 2,1.

⁵⁴ *pâs rêsís* [= toda a palavra], da mesma raiz de *rêma*: *eirô* [= dizer].

Texto 11. «Disse então Pedro: “Ananias, por que **encheu** (*eplêrôsen*: aor. de *plêróô*) Satanás o teu coração, de modo a mentires **ao Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*), e R-E-T-E-R-E-S em teu proveito uma parte do preço do terreno?”» (At 5,3).

Contexto: Pedro mostra, por assim dizer, o anti-Pentecostes: a retenção em vez da dádiva, por parte de Ananias e Safira.

Texto 12. «E nós somos testemunhas (*mártyres*) destes factos (*tôn rêmátôn toútôn*), nós e **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) que Deus deu (*édôken*: aor. de *dídômi*) aos que lhe obedecem» (At 5,32).

Contexto: Discurso de Pedro e os Apóstolos no Sinédrio.

Texto 13. «Eles escolheram Estêvão, homem **cheio** (*plêrês*) de fé e **do Espírito Santo** (*pneúmatos hagíou*)» (At 6,5).

Contexto: A escolha dos «sete», entre os quais, Estêvão, para responder aos problemas da comunidade judeo-cristã de língua grega.

Texto 14. «(Homens) duros de cabeça e incircuncisos nos corações e nos ouvidos, Vós R-E-S-I-S-T-I-S sempre **ao Espírito Santo** (*tô pneúmati tò hagíô*); como os vossos pais, assim sois vós também!» (At 7,51).

Contexto: Discurso de Estêvão.

Texto 15. «Permanecendo (*hypárchôn*), porém, **cheio** (*plêrês*) **do Espírito Santo** (*pneúmatos hagíou*), fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus estando de pé, à direita de Deus» (At 7,55).

Contexto: Entre o discurso de Estêvão e o seu apedrejamento.

Texto 16. «[¹⁴Ora, tendo ouvido os Apóstolos em Jerusalém que aceitou (*dédektai*: perf. de *déchomai*) Samaria a palavra de Deus, enviaram (*apésteilan*: aor. de *apostéllô*) para junto deles Pedro e João.] ¹⁵Estes, tendo

descido, oraram (*prosnýxanto*: aor. de *proseúchomai*) por eles, para que RECEBESSEM (*lambánô*) **o Espírito Santo** (*pneûma hágion*)» (At 8,15).

Contexto: Lucas descreve o início do Pentecostes (3.º) na Samaria com a presença de Pedro e João.

Texto 17. «Então, impunham (*epetíthesan*: imperf. de *epitíthêmi*) as mãos sobre eles e eles RECEBIAM (*elámbanon*: imperf. de *lambánô*) **o Espírito Santo** (*pneûma hágion*)» (At 8,17).

Contexto: Pentecostes (3.º) na Samaria.

Texto 18. «[¹⁸Ora, tendo Simão visto que através da imposição das mãos dos Apóstolos é dado (*dídotai*) o Espírito (*tò pneûma*), ofereceu-lhes dinheiro,] ¹⁹dizendo: “dai-me também a mim esse poder (*exousía*), para que aquele a quem eu impuser as mãos, RECEBA (*lambánô*) **o Espírito Santo** (*pneûma hágion*)”. ²⁰Então Pedro disse-lhe: “O teu dinheiro esteja contigo em perdição, porque tu julgaste comprar **o DOM de Deus** (*hê dôreà toû theoû*) por dinheiro!”» (At 8,19-20 cf Ct 8,7).

Contexto: Outra vez o anti-Pentecostes: o mago Simão quer comprar para possuir e negociar, em vez de receber para dar.

Texto 19. «Partiu (*apêlthen*) então Ananias e entrou (*eisêlthen*) na casa, e, tendo imposto sobre ele as mãos, disse: “Saulo, irmão, o Senhor enviou-me, Jesus, o que foi visto (*ophtheís*: part. aor. pass. de *horáô*) por ti no caminho por onde vinhas, de modo a veres de novo e a seres **cheio** (*plêsthês*: conj. aor. pass. de *pímplêmi*) **do Espírito Santo** (*pneúmatos hagíou*)”» (At 9,17).

Contexto: Ananias e Paulo em Damasco, após a conversão de Paulo.

Texto 20. «A Igreja, essa, por toda a Judeia, Galileia e Samaria, tinha paz, sendo construída (*oikodomouménê*: part. pass.) e fazendo caminho no temor do Senhor, e na consolação (*paráklêsis*) **do Espírito Santo** (*toû hagóu pneúmatos*) era multiplicada (*eplêthýneto*: imperf. pass. de *plêthýnô*)» (At 9,31).

Contexto: Aquando da visita de Paulo a Jerusalém após a conversão.

Texto 21. «Jesus, o de Nazaré, como Deus o ungiu (*échrisen*: aor. de *chríô*) **com o Espírito Santo** (*pneúmati hagíô*) e poder (*dýnamis*), que atravessou, fazendo o bem e curando todos os que eram tiranizados pelo diabo, porque Deus estava com Ele» (At 10,38).

Contexto: Discurso de Pedro em casa de Cornélio: Cesareia Marítima.

Texto 22. «Pedro falava ainda estes factos (*rémata*), quando caiu (*epépesen*: aor² de *epipíptô*) **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) sobre todos os que escutavam a Palavra» (At 10,44).

Texto 23. «E ficaram fora de si (*exéstêsan*: aor. de *exístêmi*) os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com (*synêlthan*: aor. de *synérchomai*) Pedro, porque também sobre as nações **o DOM do Espírito Santo** (*hê dôreà toû hagíou pneúmatos*) foi derramado (*ekkéchytai*: perf. pass. de *echéô*)» (At 10,45).

Contexto: O Espírito no Pentecostes de Cesareia (4.º) e reação dos 6 acompanhantes (At 11,12) judeo-cristãos de Pedro.

Texto 24. «Pode alguém recusar a água, de modo a não serem batizados estes, que RECEBERAM (*élabon*: aor² de *lambánô*) **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) tal como nós?» (At 10,47).

Contexto: Reação de Pedro face ao dom do Espírito, no Pentecostes, em Cesareia.

Texto 25. «Ora, tendo eu começado a falar, caiu (*epépesen*: aor² de *epipíptō*) **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) sobre eles (*ep' autoús*) como sobre nós, no princípio (*en archê*)» (At 11,15).

Texto 26. «Recordei-me (*emnêsthên*: aor. de *mimnêskomai*) da palavra (*rêma*) do Senhor, que dizia (*élegen*: imperf. de *légō*): “Na verdade, João batizou com água; vós, porém, sereis batizados **no Espírito Santo** (*en pneúmati hagíō*)”. [17Se, portanto, Deus lhes deu (*édōken*) **o DOM** (*hê dôreà*) igual como a nós, que acreditámos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para ser capaz de impedir Deus?»] (At 11,16-17).

Contexto: Pedro relata o Pentecostes de Cesareia, perante os Apóstolos e irmãos de Jerusalém.

Texto 27. «Pois ele era um homem bom e **cheio** (*plêres*) **do Espírito Santo** (*pneûmatos hagíou*) e de fé, e foi agregada (*prosetéthê*: aor. pass. de *prostíthēmi*) uma multidão considerável ao Senhor» (At 11,24).

Contexto: Barnabé, enviado pela Igreja de Jerusalém a Antioquia, para consolidar a fé que começava a germinar, devido à pregação dos judeo-cristãos de língua grega, que a perseguição em Jerusalém dispersou.

Texto 28. «Ora, fazendo o serviço litúrgico (*leitourgoúntōn*: part. de *leitourgéō*[*laós* + *érgon*]) para o Senhor e jejuando, disse **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*): “Ponde de parte (*aphorísate*: imp. aor. de *aphorízō*) para mim Barnabé e Saulo, para a obra (*érgon*) a que os chamei (*proskéklēmai*: perf. de *proskaléomai*)”» (At 13,2).

Texto 29. «Eles, então, tendo sido enviados (*ekpempthéntes*: part. aor. pass. de *ekpémpô*) **pelo Espírito Santo** (*hypò toû hagíou pneúmatos*), desceram a Selêucia, e, de lá, embarcaram para Chipre» (At 13,4)⁵⁵.

Contexto: O Espírito, no início da missão de Paulo e Barnabé, em Antioquia. Os dois partem de Antioquia (At 13,4) e regressam a Antioquia (At 14,26), movimento circular paradigmático da missão⁵⁶.

Texto 30. «Então, Saulo, que também se chamava Paulo, **cheio** (*plêstheís*: part. aor. pass. de *pímplêmi*) **do Espírito Santo**, fixando os olhos nele» (At 13,9).

Contexto: Paulo em Pafos, na extremidade SO da ilha de Chipre, sede do procônsul romano, fulminando com a cegueira o mago Bar-Jesus, **cheio** (*plêrês*) de toda a falsidade e de toda a malícia...

Texto 31. «E os discípulos achavam-se **cheios** (*eplêrounto*: imperf. pass. de *plêróô*) de alegria e **do Espírito Santo** (*pneúmatos hagíou*) (At 13,52).

Contexto: Os discípulos de Antioquia da Pisídia no final da estadia de Paulo nessa cidade.

Texto 32. «E o conhecedor dos corações (*kardiognôstês*), Deus, testemunhou em favor deles, **DANDO** (*doús*: part. aor² de *dídômi*) **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) como também a nós» (Act 15,8).

Contexto: Pedro, na assembleia de Jerusalém mostrando aos defensores da necessidade da circuncisão e da Lei de Moisés que Deus também escolheu os gentios.

⁵⁵ Selêucia, porto a 25 Km de Antioquia. De Selêucia a Chipre são cerca de 100 km. Ph. BOSSUYT, J. RADERMAKERS, *Témoins de la Parole de la Grâce. Lecture des Actes des Apôtres. 2. Lecture continue*, Bruxelles, Institut d'Études Théologiques, 1995, p. 400.

⁵⁶ R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 248.

Texto 33. «Na verdade, pareceu bem (*édoxen*: aor. de *dokéō*) **ao Espírito Santo e a nós** (*tô pneúmati tô hagíō kai hêmîn*) não vos impor mais nenhum peso com exceção destas coisas necessárias (*anágkê*)» (At 15,28)⁵⁷.

Contexto: Carta dos Apóstolos e anciãos de Jerusalém aos irmãos de Antioquia, no final da assembleia de Jerusalém.

Texto 34. «Atravessaram então a Frígia e a região da Galácia, tendo sido impedidos (*kôlythéntes*: part. aor. pass. de *kôlýō*) **pelo Espírito Santo** (*hypò tou hagíou pneúmatos*) de falar a Palavra na Ásia» (At 16,6).

Contexto: A missão vai dirigir-se, não para Norte, como Paulo planeava, mas para a Europa (Macedónia e Grécia). O ponto de ligação é o porto de Tróade (At 16,11), na extremidade NO da Ásia⁵⁸, de onde partem as comunicações para o mundo greco-romano, cujo centro é Roma.

Textos 35.36. «Disse então para eles: “**RECEBESTES** (*lambánō*) **o Espírito Santo** (*pneûma hágion*) quando abraçastes a fé (*pisteúsantes*: part. aor. de *pisteúō*)”? Eles disseram-lhe: “Nem sequer ouvimos dizer que há **um Espírito Santo!**”» (At 19,2).

Texto 37. «E tendo-lhes Paulo imposto (*epithéntos*: part. aor² de *epitíthēmi*) as mãos, veio (*êlthe*: aor. de *érchomai*) **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) sobre eles (*ep’ autoús*), e eles falavam (*eláloun*: imperf. de *laléō*) em línguas e profetizavam» (At 19,6).

Contexto: Diálogo de Paulo, no início da chamada “3.^a viagem missionária”, com os cerca de 12 discípulos de Éfeso (At 19,7), a quem impõe as mãos: Pentecostes de Éfeso (5.^o).

⁵⁷ Não se trata obviamente de uma necessidade da ordem natural e fatal como na *anánke* grega, mas da ordem da liberdade e do amor (*agápê*).

⁵⁸ Cerca de 40 km a sul da antiga Tróia da Ilíada.

Texto 38. «[²²E agora, eis-me preso (*dedeménos*: part. perf. pass. de *déô*) pelo Espírito (*tò pneúmati*) a caminho (*poreúomai*) de Jerusalém, não sabendo as coisas que lá me acontecerão,] ²³senão que **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) em cada cidade me atesta *diamartýretaí moi*), dizendo que prisões e tribulações me esperam» (At 20,23).

Texto 39. «Estai atentos (*proséchete*: imp. de *proséchô*) a vós mesmos e a todo o rebanho, no qual **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) vos pôs (*étheto*: aor² médio de *títhêmi*) como guardiães (*epískopoi*) para apascentar a Igreja de Deus, que Ele adquiriu para si (*periepoiêsato*: aor. de *peripoiéomai*) pelo sangue do seu próprio [Filho]» (At 20,28).

Contexto: Discurso de Paulo em Mileto, despedindo-se dos anciãos de Éfeso.

Texto 40. «E, tendo vindo (*elthôn*: part. aor² de *érchomai*) ao nosso encontro, e tendo tirado (*áras*: part. aor. de *aírô*) o cinto de Paulo, e tendo amarrado os seus pés e as suas mãos, disse: “Isto diz **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*): o homem de quem é este cinto, assim o amarrarão em Jerusalém os judeus e entregarão às mãos dos gentios”» (At 21,11).

Contexto: O profeta Ágabo em Cesareia Marítima.

Texto 41. «Ora, estando em desacordo (*asýmphônnoi*) uns com os outros, desligavam-se (*apelýonto*: imperf. médio de *apolýô*), tendo dito Paulo uma palavra (*rhêma*): “Bem **o Espírito Santo** (*tò pneûma tò hágion*) falou através de Isaías, o profeta, a vossos pais”» (At 28,25).

Contexto: Paulo em Roma aos judeus.

1.2. Espírito (10x)

Texto 1(42). «[E todos foram cheios (*eplêsthêsan*: aor. pass. de *pímplêmi*) do Espírito Santo (*pneúmatos hagíou*) e começaram a falar outras línguas] segundo **o Espírito** (*tò pneûma*) lhes dava (*edídou*: imperf. de *dídômi*) de se exprimir» (At 2,4).

Contexto: Pentecostes de Jerusalém.

Texto 2(43). «Escolhei, pois, irmãos, sete homens de entre vós, dignos de respeito, **cheios do Espírito** (*plêreis pneúmatos*) e de sabedoria, e nós os imporemos (*katastêsomen*: fut. de *kathístêmi*) sobre esta tarefa» (At 6,3).

Contexto: Instituição dos «sete» entre os judeo-cristãos de língua grega.

Texto 3(44). «E não tinham força para se opor (*antistênai*: inf. aor de *anthístêmi*) à sabedoria e **ao Espírito** (*tô pneúmati*) pelo qual ele falava» (At 6,10).

Contexto: Factos que antecedem a prisão de Estêvão.

Texto 4(45). «¹⁸Ora, tendo Simão visto que através da imposição das mãos dos Apóstolos é **DADO** (*dídotai*) **o Espírito** (*tò pneûma*), ofereceu-lhes dinheiro, [¹⁹dizendo: “dai-me também a mim esse poder (*exousía*), para que aquele a quem eu impuser as mãos, receba (*lambánô*) o Espírito Santo (*pneûma hágion*)”»] (At 8,18).

Contexto: Outra vez o anti-Pentecostes: o mago Simão quer comprar para possuir, em vez de receber para dar.

Texto 5(46). «Disse então **o Espírito** (*tò pneûma*) a Filipe: “Avança e aproxima-te desta carruagem”» (At 8,29).

Contexto: Filipe evangeliza o eunuco, alto funcionário da Etiópia.

Texto 6(47). «Estava Pedro a meditar (*dienthymouménou*: part. de *thyméomai*) acerca da visão, e disse **o Espírito** (*tò pneûma*): “Eis três homens que te procuram (*zêtoûntes*: part. de *zêtéô*)”» (At 10,19).

Contexto: Visão de Pedro, em Joazebo, dos animais puros, antes de seguir para Cesareia.

Texto 7(48). «Disse-me então **o Espírito** (*tò pneûma*) para me juntar (*syneltheîn*: inf. aor. de *synérchomai*) a eles sem hesitar. Foram também comigo estes 6 irmãos, e entrámos na casa do homem» (At 11,12).

Contexto: Pedro relata e justifica, em Jerusalém, a sua ida a casa de Cornélio.

Texto 8(49). «Levantando-se então um de entre eles, chamado Ágabo, fez conhecer, **pelo Espírito** (*dià toû pneûmatos*), que uma grande fome estava para vir sobre toda a terra, o que aconteceu sob Cláudio» (Act 11,28).

Contexto: O profeta Ágabo desceu de Jerusalém até Antioquia para anunciar estas coisas, quando Paulo acabava de chegar de Tarso pela mão de Barnabé.

Texto 9(50). «E agora, eis-me preso (*dedeménos*: part. perf. pass. de *déô*) **pelo Espírito** (*tô pneûmati*) a caminho (*poreúomai*) de Jerusalém, não sabendo as coisas que lá me acontecerão, [²³senão que o Espírito Santo (*tò pneûma tò hágion*) em cada cidade me atesta *diamartýretaí moi*], dizendo que prisões e tribulações me esperam»] (At 20,22).

Contexto: Discurso de Paulo em Mileto, despedindo-se dos anciãos de Éfeso.

Texto 10(51). «Encontrando então os discípulos, permanecemos lá sete dias; e eles diziam a Paulo, **pelo Espírito** (*dià toû pneûmatos*), que não subisse a Jerusalém» (At 21,4).

Contexto: Paulo em Tiro a caminho de Jerusalém.

1.3. O meu Espírito (2x)

Texto 1(52). «E acontecerá nos últimos dias, diz Deus: “Derramarei (*ekchéô*) **do meu Espírito** (*apò toû pneumatós mou*) sobre toda a carne, e profetizarão os vossos filhos e as vossas filhas, e os vossos jovens verão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos”» (At 2,17).

Texto 2(53). «E também sobre os meus servos e sobre as minhas servas, naqueles dias, derramarei (*ekchéô*) **do meu Espírito** (*apò toû pneumatós mou*), e profetizarão» (At 2,18).

Contexto: Discurso de Pedro no Pentecostes de Jerusalém.

1.4. Espírito do Senhor (2x)

Texto 1(54). «Então Pedro disse para ela: “Por que vos pusestes de acordo para tentar **o Espírito do Senhor** (*tò pneûma kyríou*)? Eis que os pés dos que sepultaram o teu marido estão à tua porta, e levar-te-ão”» (At 5,9).

Contexto: Pedro recriminando Safira pela retenção [= anti-Pentecostes].

Texto 2(55). «Quando subiram da água, **o Espírito do Senhor** (*pneûma kyríou*) arrebatou (*hêrpasen*: aor. de *harpázô*) Filipe, e não o viu mais o eunuco; mas fazia o seu caminho (*eporeúeto tèn hodòn autoû*) com alegria (*chaírôn*)» (At 8,39).

Contexto: Final do episódio da evangelização do eunuco etíope, por Filipe.

1.5. Espírito de Jesus (1x)

Texto 1(56). «Chegando aos confins da Mísia, tentaram entrar na Bitínia, mas não lho permitiu **o Espírito de Jesus** (*tò pneûma Iêsoû*)» (At 16,7).

Contexto: Paulo tinha planeado ir para o Norte [= Bitínia (capital Ankara)], mas o Espírito sopra noutra direção = Europa.

1.6. Quadro sinótico denominativo

Para uma visão sinótica comparativa, reproduzimos aqui o elucidativo quadro apresentado por Augustin George⁵⁹, em que se pode ver lado a lado o levantamento estatístico do vocabulário do «Espírito» em Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Paulo, Cartas Pastorais, 1 João:

	Mt	Mc	Lc	Jo	Act	Paulo	Past	1 Jo
<i>tò pneûma tò hágion</i>	01	02	03	01	17	03	00	00
<i>tò hágion pneûma</i>	01	01	02	00	06	02	00	00
<i>pneûma hágion</i>	03	01	08	02	18	09	02	00
<i>pneûma hagiosýnes</i>	00	00	00	00	00	01	00	00
<i>tò pneûma toû theoû</i>	00	00	00	00	00	04	00	01
<i>pneûma theoû</i>	02	00	00	00	00	06	00	00
<i>tò pneûma tò ek toû theoû</i>	00	00	00	00	00	01	00	00
<i>pneûma autoû, moû, soû</i>	01	00	00	00	02	02	00	01
<i>tò pneûma toû patròs hymôn</i>	01	00	00	00	00	00	00	00
<i>tò pneûma toû egeírontos</i>	00	00	00	00	00	01	00	00

⁵⁹ A. GEORGE, *L'Esprit Saint dans l'oeuvre de Luc*, in *Revue Biblique*, 80, 1978, p. 503.

<i>(tò) pneûma kyríou.....</i>	00	00	01	00	02	02	00	00
<i>pneûma Iêsoû.....</i>	00	00	00	00	01	00	00	00
<i>pneûma Iêsoû Christou.....</i>	00	00	00	00	00	01	00	00
<i>pneûma christou.....</i>	00	00	00	00	00	01	00	00
<i>tò pneûma toû hyioû autoû.....</i>	00	00	00	00	00	01	00	00
<i>tò pneûma tês alêtheias.....</i>	00	00	00	03	00	00	00	01
<i>tò pneûma.....</i>	02	02	03	07	09	26	(01)	04
<i>pneûma.....</i>	01	00	01	02	01	15	00	00
TOTAL.....	12	06	18	15	56	75	03	07

O quadro apresentado deixa ver claramente a predileção de Lucas pelo «Espírito Santo», sobretudo no Livro dos Atos dos Apóstolos⁶⁰, o que explica a denominação já antiga e familiar deste Livro como *Evangelho do Espírito Santo*⁶¹.

1.7. Ação do Espírito Santo

O plano narrativo do Livro dos Atos deixa ver ainda a vasta ação do Espírito Santo, descrita com os verbos de ação pessoal instruir,/ testemunhar,/ dizer,/ falar,/ chamar,/ ordenar,/ cair sobre,/ vir sobre,/ enviar,/ impedir,/ não permitir,/ prender,/ pôr à frente de,/ arrebat.

⁶⁰ De facto, o «Espírito Santo», com ou sem artigo, é nomeado por Lucas 13 vezes no Evangelho e 41 vezes nos Actos [ao todo 54 vezes] contra 5 vezes em Mateus (1,18.20; 3,11; 12,32; 28,19), 4 vezes em Marcos (1,8; 3,29; 12,36; 13,11), 3 vezes em João (1,33; 14,26; 20,22), 15 vezes em Paulo, 2 vezes nas Cartas Pastorais.

⁶¹ J. FERNÁNDEZ LAGO, *El Espíritu Santo en el mundo de la Biblia*, Santiago de Compostela, Instituto Teológico Compostelano, 1998, p. 119; J. COMBLIN, *Atos dos Apóstolos*. Vol. I: 1-12, Petrópolis, Vozes – Imprensa Metodista – Editora Sinodal, 1988, p. 41; R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 78.

1.8. Efeitos da ação do Espírito Santo

Sempre no plano narrativo, pode ver-se ainda como o Espírito desencadeia a ação de terceiros, pessoas singulares ou a Igreja, levando-os a dar testemunho,/ falar outras línguas,/ falar em línguas,/ profetizar,/ viver, agir e falar em inteira liberdade (*parrêsía*),/ ver Jesus Cristo glorificado,/ encontrar consolação, comunhão, alegria.

II. INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA: OU O PROTAGONISMO DO ESPÍRITO SANTO NA MISSÃO, NO LIVRO DOS ATOS

Perante esta variada e tão clara descrição da ação do Espírito e dos seus efeitos, muitos dos estudiosos e leitores do Livro dos Atos têm manifestado curiosidade em saber de que modo se revelaria, ou como pode ser concebida essa ação do Espírito⁶². As tentativas de resposta têm incidido nos âmbitos psicológico, místico, da inspiração interior, intervenção profética, circunstâncias exteriores interpretadas à luz da fé.

2.1. O DOM (*dôreá*) do Espírito Santo (At 2,38; 8,20; 10,45; 11,17; cf Hb 6,4; Jo 4,10)

Tentarei perseguir e prosseguir um caminho melhor ou, para usar a linguagem paulina, o caminho melhor, o caminho por hipérbole (*kath' hyperbolê hodós*) (1 Cor 12,31): o caminho do **DOM** ou da **DÁDIVA** (*hê dôreá*). É sintomático que o Livro dos Atos dos Apóstolos empregue, como vimos, por quatro vezes o termo **DOM** para dizer o Espírito Santo!

⁶² R. FABRIS, *Os Atos dos Apóstolos*, p. 78-79.312; A. GEORGE, *L'Esprit Saint dans l'oeuvre de Luc*, p. 510-511.

Recapitulando: 1) uma vez no discurso de Pedro no contexto do Pentecostes de Jerusalém, apelando à conversão em ordem a um novo Pentecostes, concluindo: «Recebereis o **DOM** do Espírito Santo» (At 2,38); 2) outra vez na recriminação de Pedro contra o mago Simão, que queria comprar o **DOM** de Deus, no contexto do Pentecostes da Samaria (At 8,20); 3) duas vezes no contexto do Pentecostes «das nações», em Cesareia: uma, em que o narrador mostra o espanto dos 6 judeo-cristãos que acompanhavam Pedro ao verem que também sobre os pagãos fora derramado o **DOM** do Espírito Santo (At 10,45), e outra no relato que Pedro faz aos irmãos de Jerusalém dos acontecimentos de Cesareia, dizendo que «Deus lhes deu o **DOM** igual como a nós» (At 11,17). Fora do Livro dos Atos dos Apóstolos, no resto do NT, o termo **DOM** é empregue ainda por mais 7 vezes (Jo 4,10; Rm 5,15.17; 2 Cor 9,15; Ef 3,7; 4,7; Hb 6,4), em todas elas designando, implicitamente, o Espírito Santo⁶³. Essa equação é explícita na Carta aos Hebreus, em que se fala daqueles que «foram iluminados, tendo saboreado o **DOM** do céu e tendo-se tornado participantes do Espírito Santo» (6,4).

2.2. Dar (*dídômi*) e receber (*lambánô*)

A linguagem da dádiva para dizer o Espírito Santo não se esgota no termo **DOM**. É preciso considerar também a dinâmica do «dar» e «receber» tendo como objeto o Espírito Santo.

Neste sentido, o Livro dos Atos emprega por quatro vezes (num total de catorze no NT)⁶⁴ o verbo «dar»: a primeira, em At 5,32, com Pedro e os

⁶³ J. D. G. DUNN, *Dôreá as the Gift of the Holy Spirit*, in J. D. G. DUNN, *The Christ and the Spirit. Collected Essays. Volume 2. Pneumatology*, Grand Rapids, Eerdmans, 1998, p. 207-209.

⁶⁴ Assim distribuídas: Lc 11,13: «O Pai dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem»; Jo 3,34: «Ele dá o Espírito sem medida»; Jo 14,16: «Eu pedirei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito»; Jo 19,30: «... Jesus disse: "tudo está consumado", e, inclinando a cabeça, deu o Espírito (*parêdôken tò pneûma*)»; Rm 5,5: «O amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito que nos foi dado»; 2 Cor 1,22: «O qual nos marcou com um selo e deu o penhor do Espírito nos nossos corações»; 2 Cor 5,5: «... foi Deus, o qual nos

Apóstolos a asseverarem perante o Sinédrio: «Nós somos testemunhas destes factos, nós e o Espírito Santo, que Deus **deu** aos que lhe obedecem»; a segunda, em At 8,18, com o mago Simão a constatar que «através da imposição das mãos dos Apóstolos **é dado** o Espírito»; a terceira, em At 11,17 – de resto, um texto que acumula o **dar** e o **DOM** –, com Pedro a dizer aos irmãos de Jerusalém, a propósito dos acontecimentos de Cesareia, que «Deus lhes **deu** o **DOM** igual como a nós»; a quarta, em At 15,8, com Pedro a asseverar na assembleia de Jerusalém acerca dos mesmos acontecimentos de Cesareia que «Deus testemunhou em favor deles, **dando** o Espírito Santo como também a nós».

No que se refere ao verbo «receber», tendo como objeto o Espírito Santo, o Livro dos Atos emprega-o oito vezes (num total de 15 no NT)⁶⁵: 1) a primeira, em At 1,8, em que Jesus Ressuscitado anuncia a vinda do Espírito e enuncia o programa da missão: «**Recebereis** uma força, a do Espírito Santo vindo sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria e até ao fim da terra»; 2) a segunda, em At 2,33, com Pedro a interpretar o Pentecostes de Jerusalém: «Pela direita de Deus tendo sido exaltado, e a promessa do Espírito Santo tendo **recebido** de junto do Pai, ele derramou o que vós vedes e ouvis»; 3) a terceira, em At 2,38 – um texto que acumula o **receber** e o **DOM** –, no contexto do discurso de Pedro no Pentecostes de Jerusalém, apelando à conversão em ordem a um novo

deu o penhor do Espírito»; 1 Ts 4,8: «Deus, aquele que nos dá o Espírito»; 1 Jo 3,24: «Nós sabemos que ele permanece em nós pelo Espírito que nos deu»; 1 Jo 4,13: «Nós sabemos que permanecemos nele e ele em nós, porque ele nos deu o seu Espírito». As restantes quatro vezes estão nos quatro textos dos Actos: 5,32; 8,18; 11,27; 15,8. Ver R. LAVATORI, *Lo Spirito Santo dono del Padre e del Figlio*, p. 39, que omite Jo 19,30, 2 Cor 1,22 e 2 Cor 5,5, contabilizando, por isso, não 14, mas 11 vezes.

⁶⁵ Assim distribuídas: Jo 7,39: «Ele falava do Espírito que deviam receber aqueles que tinham acreditado nele»; Jo 14,7: «O Espírito da verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê nem conhece»; Jo 20,22: «E isto dizendo, soprou e disse-lhes: "Recebei o Espírito Santo"»; 1 Cor 2,12: «Quanto a nós, não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus»; 2 Cor 11,4: «Na verdade, se vem alguém e vos prega um Jesus que nós não pregámos, ou se recebeis outro Espírito que não recebestes»; Gl 3,2: «Foi pelas obras da lei que recebestes o Espírito, ou pela obediência da fé?»; Gl 3,14: «Para que a promessa do Espírito recebamos através da fé». As restantes oito vezes estão nos oito textos dos Atos: 1,8; 2,33; 2,38; 8,15.17.19; 10,47; 19,2. R. LAVATORI, *Lo Spirito Santo dono del Padre e del Figlio*, p. 40.

Pentecostes, concluindo: «**Recebereis** o **DOM** do Espírito Santo»; 4) a quarta, em At 8,15, no contexto do Pentecostes da Samaria, em que o narrador refere o envio de Pedro e João, e que «estes, tendo descido, oraram por eles, para que **recebessem** o Espírito Santo»; 5) a quinta, em At 8,17, no mesmo contexto, em que o narrador refere que Pedro e João «impunham as mãos sobre eles e eles **recebiam** o Espírito Santo»; 6) a sexta, em At 8,19, sempre no mesmo contexto do Pentecostes da Samaria, documenta a tentativa levada a efeito pelo mago Simão de comprar o dom do Espírito Santo com estas palavras: «Dai-me também a mim esse poder, para que aquele a quem eu impuser as mãos, **receba** o Espírito Santo»; 7) a sétima, em At 10,47, no contexto do Pentecostes de Casareia, documentando a reação de Pedro: «Pode alguém recusar a água, de modo a não serem batizados estes, que **receberam** o Espírito Santo tal como nós?»; 8) a oitava, em At 19,2, no contexto do Pentecostes de Éfeso, com Paulo a perguntar aos cerca de 12 discípulos: «**Recebestes** o Espírito Santo quando abraçastes a fé?».».

Da análise efetuada, resulta claro: 1) que a associação do Espírito Santo com o **DOM** é quase exclusiva do Livro dos Atos dos Apóstolos; 2) que esta associação é ainda explicitada pela dinâmica do **dar** e **receber**, segundo a qual o Espírito Santo é dado por Deus e recebido pelos homens; 3) que esta associação explicitada sai ainda reforçada pelo contraponto da «retenção» de Ananias e Safira e da tentativa de comprar, para vender, do mago Simão, dois comportamentos claramente reprovados.

2.3. O Espírito Santo como pessoa-dom

Na Carta Encíclica *Dominum et vivificantem*, de 18 de maio de 1986, o Papa João Paulo II refere que se conclui, a partir dos Atos dos Apóstolos, que «o *Espírito Santo assumiu a orientação invisível*, mas de algum modo

“percetível”» da Igreja (n.º 25). E, nessa mesma Carta, o Papa afirma por diversas vezes a definição do Espírito Santo como «pessoa-dom» (n.º 10.22.23.50). O Papa voltou a este assunto nas suas «Catequeses ao Povo de Deus», nas audiências de 4.^a feira, de 26 de abril de 1989 a 3 de julho de 1991. Importante para o nosso tema é a «Catequese» de 21 de novembro de 1990, dedicada por inteiro à consideração do Espírito Santo como **DOM**. Nela, o Papa afirmou que «pertence à revelação de Jesus o conceito do Espírito Santo como Dom concedido pelo Pai»⁶⁶. Implica isto que a determinação de **DOM** referida à terceira pessoa da Trindade entra no *depositum fidei*, e não fica, portanto, entregue à simpatia do crente ou do teólogo.

Esta feliz definição, bem assente, como vimos, em terreno bíblico, se bem compreendida e explorada, pode trazer importantes consequências práticas. A nossa experiência ensina-nos como somos sensíveis ao Dom, como o nosso coração se abre diante do Dom. O Dom tem uma força própria. Não é uma força exterior que se imponha desde fora. É uma força interior, persuasiva, suave e calorosa, que move o coração desde dentro, quebrando toda a dureza e resistência. O Dom é uma terceira realidade entre mim e o meu amigo. O meu amigo quer dar-se a mim por amor. Mas não pode deixar de ser ele, para passar a ser eu. Eu quero dar-me ao meu amigo por amor, mas não posso deixar de ser eu, para passar a ser ele. Aliás, se esta fusão pudesse acontecer, punha termo ao amor existente entre mim e o meu amigo. O Dom provém da alteridade e garante a alteridade. Provém da intencionalidade da união entre mim e o meu amigo, mas garante também a nossa alteridade. O Dom é o meu amigo dando-se a mim por amor e sou eu recebendo o meu amigo por amor, princípio e termo da doação. Em Deus, o Pai dá-se ao Filho por amor – princípio da doação –, mas não perde a sua

⁶⁶ JOÃO PAULO II, *Catechesi sul credo. III. Credo nello Spirito Santo*, Cidade do Vaticano, Editrice Vaticana, 1992, p. 287-289. Sobre o assunto, R. LAVATORI, *Lo Spirito Santo dono del Padre e del Figlio*, p. 233.

dimensão paterna, tornando-se Filho; do mesmo modo que o Filho, acolhendo o dom da paternidade por amor – termo da doação –, não anula a sua determinação filial, tornando-se Pai. Uma ação requer sempre a outra para se completar, estando as duas pessoas reciprocamente implicadas. Entre mim e o meu amigo, o Dom é um objeto, mas quanto mais intensamente é Dom, isto é, quanto mais significa a nossa doação íntima e pessoal, menos é um objeto materialmente determinado. Por isso, eu gasto tanto tempo até encontrar o Presente que quero oferecer ao meu amigo, um objeto que signifique a nossa intimidade. Em Deus, entre o Pai e o Filho, o Dom é o Espírito, Pessoa divina subsistente, distinto do Pai e do Filho, dos quais procede, mas distinto também do ato da doação, de que é o efeito⁶⁷ e a significação. Se ele fosse o ato da doação, não constituiria uma pessoa subsistente, pois não existiria como tal; seria a soma de duas pessoas, não uma terceira⁶⁸.

O Espírito, Pessoa-Dom incriado, é o protagonista da missão e de toda a vida eclesial. É, porém, um protagonista silencioso como o Dom é silencioso. Silencioso, mas eficaz. A sua ação calorosa processa-se, não com palavras sensíveis que afetam os órgãos da audição (Rm 8,26), mas na interioridade da inteligência da fé num «gemido sem palavras» (*stenagmòs alálêtos*) (Rm 8,26)⁶⁹, avivando as brasas do *desejo* da Palavra primeira e criadora no coração de cada homem, debaixo de qualquer céu. Compreende-se, assim, porque é que o tempo do Espírito pode ser também o tempo da missão. É que a ação calorosa do Espírito-Dom não se limita a certos países, línguas, povos, etnias, religiões, e nem sequer tem um alcance limitado,

⁶⁷ O facto de ser o efeito da doação não implica qualquer subalternidade ou secundariedade, dado que, em Deus, pensamento, expressão, comunicação, efeito, alfa e omega, são simultâneos e coeternos.

⁶⁸ R. LAVATORI, *Lo Spirito Santo dono del Padre e del Figlio*, p. 262-263, e nota 13.

⁶⁹ A força do Espírito está antes das palavras e para além das palavras. Em 1 Cor 12-14, Paulo critica os Coríntios sobretudo por, através da glossolalia, quererem levar o Espírito à letra, o que vinha a ser a negação do Espírito.

como é limitado o alcance daquele que usa as cordas vocais (ou mesmo os meios de comunicação social) para se fazer ouvir. Ele está para além de todas essas barreiras, pois atua diretamente na inteligência e no coração de cada homem⁷⁰. E, em termos de inteligência e de coração, em termos de humanidade e intimidade, são iguais o chinês, o português e o inglês, o católico, o hinduísta e o muçulmano... No fundo, no fundo, como refere S. Tomás de Aquino, no *Comentário sobre o Evangelho de S. João*, Cap. 14, lect. 2, todo o homem *deseja* principalmente duas coisas: o conhecimento da verdade e a continuação da sua existência, ou seja, a vida. São estas brasas, que ardem no coração e na inteligência de cada homem, que constituem em nós expressão sintomática da Palavra primeira e criadora, e que, avivadas pelo Espírito, acendem em nós o *desejo* do Filho, fazendo do encontro com o Filho e do conhecimento do Filho um re-encontro e um re-conhecimento⁷¹.

Esta ação interior do Espírito é comparada à unção do óleo (*chrísma*) que penetra lentamente, como diz o Apóstolo: «Vós recebestes a unção (*chrísma*) que vem do Santo e todos conheceis (*oídate*)» (1 Jo 2,20); ou então: «a unção (*chrísma*) dele vos ensina (*didáskei*) acerca de todas as coisas» (1 Jo 2,27). Com a vinda do Espírito, pessoa-dom, que atua discreta mas eficazmente como o dom, cumpre-se a profecia de Jr 31,31-34 (38,31-34 LXX) que refere que «todos me conhecerão (*eidêsousin*)» com uma ciência que não resulta da instrução, mas que é incutida por Deus no coração⁷².

⁷⁰ JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, 53; JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 28.

⁷¹ Ver a finíssima análise de F. MARTIN, *Pour une théologie de la lettre. L'inspiration des Écritures*, Paris, Cerf, 1996, p. 223-226, acerca de 2 Pe 1,19-21.

⁷² G. FERRARO, *Il Paraclito, Cristo, il Padre nel quarto Vangelo*, Cidade do Vaticano, Editrice Vaticana, 1996, p. 52-70.159; A. JAUBERT, *L'Esprit dans le Nouveau Testament*, in *Dieu révélé dans l'Esprit*, «Les quatre fleuves» 9, Paris, Beauchesne, 1979, p. 27.

III. CONCLUSÃO

O protagonismo do Espírito Santo no Livro dos Atos é a ação invisível e silenciosa, sossegada e livre, interior e íntima, doce e delicada, atenta e cuidadosa, suave e carinhosa, amante e generosa, discreta e oportuna, paciente, persistente, corajosa e eficaz da Pessoa-Dom, fonte de dons. E o que é a vocação e a missão senão esta carícia de Deus no coração? E se nós, que fomos marcados com o selo do Dom do Espírito Santo (2 Cor 1,22), nos despojássemos dos nossos muitos protagonismos, e começássemos simplesmente a viver «como um dom», *like a gift*?

Da Eucaristia à Missão.

Para uma Pastoral Missionária “em saída”

D. José Manuel Garcia Cordeiro*

Introdução

A Igreja vive da Liturgia. Esta é a sua dimensão decisiva, não exclusiva. A Liturgia é a primeira escola da fé e da vida espiritual. Nela, deixamos de falar sobre Deus, para falarmos a Deus e agirmos em Deus. A Liturgia não é um rito, nem mera execução de rubricas, mas *ethos* e, fundamentalmente, uma arte da ação⁷³.

A Liturgia é, igualmente, transmissão da fé. A Igreja transmite a fé, celebrando a Liturgia. «Somos todos muito racionais, a razão é a única soberana a quem prestamos vassalagem, etc. e tal, mas todos temos uma porta das traseiras por onde entram coisas irracionais como a fé»⁷⁴. Por sua natureza a Liturgia romana é sóbria e nobre na simplicidade. A simplicidade não é um ponto de partida, mas um ponto de chegada. Só uma vida autenticamente litúrgica gera uma verdadeira evangelização.

A própria Liturgia se autodefine como vida vivida na coerência da Fé, celebração e vida: «Fazei frutificar em nós, Senhor, os mistérios que celebramos, pelos quais, durante a nossa vida na terra, nos ensinai a amar os bens do Céu e a viver para os valores eternos»⁷⁵ e ainda, «Fazei que a nossa vida, Senhor, corresponda à oferta das nossas mãos»⁷⁶. De facto, «prontamente os fiéis compreenderam a influência profunda que a

*D. José Manuel Garcia Cordeiro é Bispo da diocese de Bragança-Miranda

⁷³ A Liturgia não é uma “logia”, “um saber sobre” como a teologia, mas é uma ação, “uma urgia” de érgon.

⁷⁴ A.M. PIRES CABRAL, *Os anjos nus*, Lisboa 2012, 46.

⁷⁵ Oração Pós-comunhão no tempo do Advento.

⁷⁶ Oração sobre as Oblatas do I Domingo da Quaresma.

celebração eucarística exercia sobre o seu estilo de vida. Santo Inácio de Antioquia exprimia esta verdade designando os cristãos como “aqueles que chegaram à nova esperança”, e apresentava-os como aqueles que vivem “segundo o domingo”. Esta expressão do grande mártir antioqueno põe claramente em evidência a ligação entre a realidade eucarística e a vida cristã no seu dia-a-dia»⁷⁷.

A Liturgia está na origem do desenvolvimento e da consumação da própria vida cristã. Esta é a vida segundo o Espírito, coerente com Ele. À Liturgia é dado o lugar de «*culmen et fons*» da ação da Igreja. «A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos “mistérios pascais”, a viverem “unidos no amor”; pede “que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé”; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja»⁷⁸.

Contudo, perguntamos: a Liturgia é vivida como a primeira e fundamental escola e experiência da oração e da missão?

1. Da celebração da Missa à Missão

A Liturgia é vida espiritual, ou por outras palavras, a Liturgia é a espiritualidade cristã. A espiritualidade litúrgica é a espiritualidade cristã, no sentido em que sintetiza todo o desígnio salvífico de Deus realizado na Bíblia e atualizado sacramentalmente nas ações litúrgicas até à realização plena na escatologia.

⁷⁷ BENTO XVI, *Sacramentum caritatis* 72.

⁷⁸ SC 10.

A vida cristã funda-se na Liturgia, isto é, na celebração dos sacramentos, sobretudo nos sacramentos da iniciação cristã, na celebração da Liturgia das Horas, no amplo horizonte do Ano litúrgico⁷⁹. A espiritualidade cristã, enquanto tal, não pode ser assim chamada a não ser por via sacramental. Trata-se de realizar na vida o que se celebra na liturgia, conforme a Oração coleta de Sexta feira da Oitava da Páscoa «Deus eterno e onnipotente, que na Páscoa da nova aliança ofereceste aos homens o dom da reconciliação e da paz, fazei que realizemos na vida o que celebramos na fé». Por isso, não é mais uma espiritualidade cristã, mas é a espiritualidade cristã. A sua qualificação própria é a vida dos cristãos em permanente encontro com Jesus Cristo sob a ação do Espírito Santo.

A liturgia apoia-se em três aspetos constitutivos: a escuta da Palavra, a visão da Glória e a experiência do Mistério⁸⁰. Estes, são três pontos essenciais da mesma realidade típica da ritualidade cristã, de conformação antropológica da espiritualidade litúrgica. Na escuta da Palavra revelada fundamenta-se o rito litúrgico. A liturgia é um anúncio e antecipação da visão da Glória futura, qual contemplação do rosto de Deus. A experiência do Mistério, realizada nas celebrações litúrgicas, faz-nos centrar sempre em Jesus, para que seja Ele a iluminar e a guiar. Os mesmos aspetos da liturgia são os modelos organizativos que conformam a antropologia à liturgia. Ao compreendermos Deus como mistério, exclui qualquer redução a um ídolo para interesses meramente humanos.

A Liturgia é ação, ou seja, a Igreja em oração: «as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é “sacramento de unidade”, isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos. Por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no,

⁷⁹ Cf. A. LOUF, *La vita spirituale*, Edizioni Qiqajon, Bose 2001, 9; Cf. B. NEUNHEUSER, «Spiritualité liturgica», in D. SARTORE-A.M. TRIACCA-C. CIBIEN, *Liturgia*, 1915.

⁸⁰ Cf. VALENZIANO, «“vedere la Parola”. Liturgia e ineffabile», *Ecclesia Orans* 9 (1992) 121-140.

atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual»⁸¹.

Ao celebrar o culto divino, a Igreja exprime aquilo que é: una, santa, católica e apostólica. *«A comunidade cristã reunida é a manifestação mais evidente da Igreja. Essa é sinal eficaz, mysterium, sacramento fundamental. É sacramento fundamental porque é corpo de Cristo, porque quem opera nela e através dela é Cristo, o sacramento originário»*⁸². E porque a Igreja é o sacramento de unidade, as ações litúrgicas pertencem a todo o corpo da Igreja.

A adesão profunda à reforma conciliar da liturgia comporta uma nítida conversão eclesiológica. São João Paulo II sublinhou-o, afirmando: *«na liturgia o Mistério da Igreja é verdadeiramente anunciado, saboreado e vivido»*⁸³.

Em ordem ao futuro da renovação litúrgico-espiritual, o mesmo Papa salientou: *«A liturgia da Igreja é algo que vai muito além da reforma litúrgica. Não nos encontramos na mesma situação que se vivia em 1963; há uma geração de sacerdotes e de fiéis que não chegaram a conhecer os livros litúrgicos anteriores à reforma; e é ela que hoje assume a responsabilidade na Igreja e na sociedade. Por conseguinte, não se pode continuar a falar de mudança, como na altura da publicação do documento, mas sim de aprofundamento cada vez mais intenso da liturgia da Igreja, celebrada segundo os livros atuais e vivida, primeiro que tudo, como um acontecimento de ordem espiritual»*⁸⁴. Da renovação ao aprofundamento, eis o impulso para o futuro da pastoral e espiritualidade litúrgicas.

⁸¹ SC 26.

⁸² K. RICHTER, «La liturgia e i sacramenti nel nuovo paradigma», *Regno* 7 (2005).

⁸³ J. PAULO II, *Vicesimus quintus annus* 9.

⁸⁴ J. PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus* 14.

O grande esforço de formação e de renovação tem como finalidade favorecer a compreensão do verdadeiro sentido das celebrações da Igreja, através de uma mistagogia litúrgica e da participação ativa e consciente dos fiéis. Daí que *«é urgente que se reavive na Igreja o autêntico sentido da liturgia»*⁸⁵. A liturgia é, com efeito, um instrumento de santificação na celebração da fé da Igreja. Ela constitui, juntamente com a Sagrada Escritura e os ensinamentos dos Padres da Igreja, uma fonte de sólida e verdadeira espiritualidade cristã.

2. Ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo

A espiritualidade não se ensina, experimenta-se. No quarto evangelho Jesus começa por perguntar: *«que procurais?»*⁸⁶ e à pergunta do Mestre segue-se a pergunta dos discípulos *«onde moras?»*⁸⁷ Jesus responde com um imperativo e uma promessa: *«vinde ver»*⁸⁸. Esta resposta continua a ser um convite permanente para a comunicação plena e o seguimento definitivo de Cristo na promessa aberta já no sonho de Jacob: *«vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem»*⁸⁹. Procurar, ir e ver, são três etapas do itinerário até ao Mistério de Cristo, do qual a Liturgia é sacramento. Com Cristo, o céu está sempre aberto. Ele é a nova casa de Deus.

A Liturgia é, com efeito, o lugar do encontro e deste dinamismo da gratuidade litúrgica que acontece na circulação dupla: a glorificação de Deus e a santificação do homem. A liturgia é ação gratuita que entra nas categorias da arte e do jogo, não podendo de nenhum modo ser ideologizada e usada para outros fins (políticos, sentimentais, sociais...). Guardini escreveu: *«não*

⁸⁵ J. PAULO II, *Ecclesia in Europa* 70.

⁸⁶ Jo 1, 38.

⁸⁷ Jo 1,38.

⁸⁸ Jo 1,39.

⁸⁹ Jo 1, 51. Cf. Gn 28,12.

criar, mas ser cada qual uma obra de arte, eis a essência íntima da liturgia»⁹⁰.

A qualificação própria da espiritualidade litúrgica é «Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo», isto é, ao Pai (*ad Patrem*), pelo Filho (*per Filium*), no Espírito Santo (*in Spiritu*). Todo o dom salvífico vem do Pai (*ex Patre*), pelo Filho (*per Filium*), no Espírito Santo (*in Spiritu*) e no Espírito Santo, pelo Filho, volta de novo ao Pai⁹¹. A fórmula «*a, per, in, ad*» expressa a dinâmica descendente e ascendente que abarca toda a liturgia.

Trata-se de viver a Liturgia como obra da Santíssima Trindade⁹², bem expressa na doxologia final da oração Eucarística: «*Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre*». O Pai é a fonte e o fim da Liturgia. Cristo significa e realiza na Liturgia o seu mistério pascal e age pelos sacramentos. A missão do Espírito Santo na Liturgia é preparar para o encontro com Cristo e tornar presente a obra salvífica de Cristo pelo dom da comunhão na Igreja crente e orante.

Para tal, a Liturgia tem uma comunicação global, verbal e não-verbal. A questão da linguagem na Liturgia não é simples discurso com palavras, mas o conjunto de representação, expressão e comunicação. Ela «*é a norma pela qual todas as outras vidas espirituais verificarão sempre, e com facilidade, os seus desvios e que lhes servirá de guia seguro para encontrar a via ordinária*»⁹³. À liturgia atribui-se o termo *lex orandi*, que é ao mesmo

⁹⁰ R. GUARDINI, *O espírito da liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2017, 76.

⁹¹ Cf. C. VAGGAGINI, *O sentido teológico da liturgia*, S. Paulo 2009.

⁹² Cf. *Catecismo da Igreja Católica* 1077-1112. Santo Inácio de Antioquia escreveu: «Aquele que possui verdadeiramente a palavra de Jesus pode compreender o seu silêncio, porque o Senhor conhece-se no seu silêncio, a fim de poder ser perfeito e agir segundo a sua palavra» (P.-TH. CAMELOT (ed.), «Ignace aux Éphésiens 15,1», *Sources Chrétiennes* 10bis, 70-71. Na verdade, só podemos louvar o Senhor com as palavras do silêncio.

⁹³ GUARDINI, *O espírito da liturgia*, 11.

tempo *lex credendi*, na medida em que na oração litúrgica encontramos toda a revelação e o grande depósito da fé da Igreja.

A relação entre a liturgia e a vida espiritual dos fiéis é bem evidenciado na liturgia, mesmo como *culmen et fons* e na sua dimensão cristológica e eclesiológica: «a liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, “se realiza a obra da nossa redenção”, contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja»⁹⁴.

O binómio *culmen et fons* é proposto pelo texto conciliar com renovado vigor, quando se apresenta a educação litúrgica e a participação ativa na liturgia: «... ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão»⁹⁵. A vida espiritual, liturgicamente orientada, nasce da celebração vivida. «Numa palavra, como poderemos celebrar a liturgia, se não a vivermos? E o inverso também é verdade: não poderemos vivê-la, se não a celebrarmos»⁹⁶.

Alguns imaginam Cristo como o sacramento da salvação de todas as pessoas, mas que está “lá em cima”, e depois a Igreja, outro sacramento, como estando “cá em baixo”, e, por fim, os sete sacramentos da Igreja, realizados de vez em quando. «Este esquema, pensamos nós, é uma das causas do divórcio da liturgia e da vida. Não, só há um Corpo de Cristo, grande e único sacramento»⁹⁷.

As realidades fundamentais para a espiritualidade litúrgica, operada pelo renovamento litúrgico do II Concílio do Vaticano, vão desde a celebração dos sacramentos, do uso dos salmos, da escuta da Palavra de Deus, da frequente leitura orante da Bíblia (*lectio divina*), da experiência de

⁹⁴ SC 2.

⁹⁵ SC 14.

⁹⁶ CORBON, *A fonte da liturgia*, Paulinas, Lisboa 1999, 98.

⁹⁷ J. CORBON, *A fonte da liturgia*, 72.

uma assembleia orante, a uma maior consciência e familiaridade com os grandes textos dos Padres da Igreja e dos escritores eclesiais ao longo das épocas culturais.

Bento XVI recorda que *«na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo também a reconhecê-la na nossa vida quotidiana»*⁹⁸.

Hoje, *«o problema não é demonstrar que Deus existe. O decisivo é descobrir o mistério de Deus no mundo e na nossa vida. Karl Rahner chamou a isto “mistagogia”, ou seja, iniciação ao mistério. Igualmente se poderia dizer: a nova evangelização é antes de tudo uma escola de oração»*⁹⁹. A oração litúrgica, que é a voz da esposa ao Esposo, sublinha que na liturgia, o mais importante é louvar a Deus. A vida espiritual cristã é esta íntima união do homem com Deus.

Aquando da celebração dos 40 anos da constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, João Paulo II formulou o voto: *«que neste início de milénio se desenvolva uma “espiritualidade litúrgica”, que leve as pessoas a tomarem consciência de Cristo como primeiro “liturgo”, que não cessa de agir na Igreja e no mundo, em virtude do Mistério Pascal continuamente celebrado, e associa a Si mesmo a Igreja para louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo»*¹⁰⁰.

⁹⁸ BENTO XVI, *Deus caritas est* 17.

⁹⁹ W. KASPER, «La nueva evangelización: un desafío pastoral, teológico y espiritual», in G. AUGUSTIN (ed.), *El desafío de la nueva evangelización. Impulsos para la revitalización de la fe* (Presencia teológica 184), Sal terrae, Salamanca 2012, 32.

¹⁰⁰ J. PAULO II, *Spiritus et Sponsa* 16.

3. Comunhão e Missão

A última palavra de Jesus no quarto evangelho é dita a Pedro no imperativo. «*Tu segue-me*»¹⁰¹. Neste mesmo e único seguimento acontece a ação celebrativa e a liturgia da vida. À imitação de Cristo, que «*é o que faz e faz o que é*»¹⁰², a liturgia da Igreja diz e é o que faz para dizer e fazer o que é.

O itinerário cristão que parte da iniciação cristã celebrada na ação litúrgica para se experimentar no amor, é a chamada espiritualidade litúrgica muito influenciada por uma voz do Oriente, Nicolau Cabasilas e, sobretudo pela sua obra-prima *A vida em Cristo*¹⁰³. O autor pergunta a si mesmo: «Mas o que é a vida em Cristo?»¹⁰⁴, ao que responde: «*os divinos mistérios a formam, mas também o cuidado humano tem qualquer parte*»¹⁰⁵ e ainda: «*a vida em Cristo consiste em estar unido a Cristo*»¹⁰⁶.

“A vida em Cristo”, uma expressão usada com frequência nas cartas paulinas¹⁰⁷, tem início na vida presente e será perfeita na vida futura. É Cristo que se une aos homens pelos mistérios, comunicando a vida nova. Os mistérios dão a possibilidade de nascer na eternidade, sendo as portas da vida e da justiça, o modo de participar na história da salvação.

A Liturgia, enquanto fonte e vértice da vida cristã, deve traduzir-se em espiritualidade, ou seja, em vida «*segundo o Espírito*»¹⁰⁸. A espiritualidade

¹⁰¹ Jo 21, 22.

¹⁰² E. MAZZA, *Rendere grazie. Miscellanea eucarística per il 70° compleanno*, Bologna 2010, 15

¹⁰³ Nicolau Cabasilas foi um célebre teólogo bizantino, leigo, do século XIV, natural de Tessalónica. Alguns referem o seu nascimento a 1320 e a sua morte em 1391¹⁰³ num mosteiro do monte Athos. N. CABASILAS, *La vita in Cristo*. Cabasilas é uma das luzes da Igreja grega do século XIV, um dos seus melhores escritores. O estilo literário distingue-se pela simplicidade e clareza perfeitas. A sua capacidade de síntese dos autores da Tradição cristã, a grande fundamentação bíblica, tornam-no original e de alto valor teológico, espiritual e litúrgico. Além de *A Vida em Cristo*, Cabasilas escreveu *A explicação da divina Liturgia* e alguns discursos e homilias. N. CABASILAS, *Explication de la Divine Liturgie*, SCh 4bis, Paris 1967.

¹⁰⁴ CABASILAS, *La vita in Cristo* 135.

¹⁰⁵ CABASILAS, *La vita in Cristo* 99.

¹⁰⁶ CABASILAS, *La vita in Cristo* 103.

¹⁰⁷ Cf. Fil 1,21.

¹⁰⁸ Rom 8,4; Cf. Gal 5,16.25.

litúrgica, pode resumir-se nas palavras de Paulo: *«Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o nosso culto espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito»*¹⁰⁹. O Apóstolo apresenta a vida cristã como uma Liturgia. Em Cristo e no seu Espírito, toda a existência cristã se torna um sacrifício vivo e agradável a Deus, isto é, um autêntico culto espiritual.

As principais características do culto cristão que se torna cultura sintetizam-se nas dimensões: trinitária, cristológica e pascal, espiritual, eclesial, sacramental e escatológica. A Liturgia é obra teândrica¹¹⁰, a atualização do mistério de Cristo em dimensão antropológica, no tempo e no espaço.

A caridade é o elemento imprescindível para a verdade do culto cristão e a fé confere-lhe plena atuação. A Liturgia é ação da Igreja, em que torna presente Cristo e esta ação assume a fisionomia de ação ritual, como é descrita nas ciências antropológicas.

O Batismo, primeiro dos mistérios, é o início da vida em Cristo. É a lógica do homem novo, na dialética morte - ressurreição, que é a lógica da liturgia, cujo centro é o mistério pascal de Cristo. A mesa eucarística é o cume da vida. É o sublime mistério, que confere a perfeição aos outros mistérios.

As Bem-Aventuranças oferecem-nos o critério para procurar a coerência da verdade litúrgica, como memória ativa e recordação dos

¹⁰⁹ Rom 12,1-2.

¹¹⁰ Um exemplo deste sentido teândrico da liturgia aparece no *MR*, Prefácio Comum IX: «Vós sois o único Deus vivo e verdadeiro e estais presente em todo o universo; mas é sobretudo no homem, criado à vossa imagem, que imprimistes o sinal da vossa glória. Vós o chamais a colaborar, com o trabalho de cada dia, no projecto da criação e lhe dais o vosso Espírito para que em Cristo, homem novo, se torne construtor da justiça e da paz».

mistérios. A memória de Cristo deve ser incessante. Por esta lógica, querer o bem não é difícil, mas acolhê-lo, conservá-lo, requer cansaço e aplicação de um certo método. A Eucaristia é a recordação constante de Cristo «*o pão que fortifica o coração do homem*»¹¹¹.

A dialética tristeza - alegria, a primeira quase conatural à existência humana, e a segunda conatural à liturgia, interliga-se com a graça de Deus e o empenho de quem recebe os dons. Para quem vive em Cristo, o itinerário encetado na iniciação cristã culmina na caridade: «*que coisa se pode chamar vida mais justamente que a caridade?*»¹¹². O ‘segue-me’ de Cristo ressuscitado é o mesmo do Jesus histórico e converge no mandato litúrgico «*fazei isto em memória de mim*»¹¹³.

Cristo faz-se «*companheiro do homem peregrino através dos perigos desta vida, conduz os nossos passos, sempre firmes, a caminho da terra prometida*»¹¹⁴. Ele é o único modelo a contemplar. É uma pessoa real, o Verbo de Deus feito homem, enviado na «*plenitude do tempo... nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial*»¹¹⁵. Realmente, Cristo não é o meio de santificação, mas a estrutura da nossa santidade. E, «*nesta anamnese da presença transformamo-nos em seres litúrgicos*»¹¹⁶.

Na verdade, os sacramentos dispostos por Deus levam-nos a ser com Cristo: «*recebemos o batismo para morrer da sua morte e ressurgir da sua ressurreição, a unção do crisma para nos tornarmos participantes da unção real da sua divindade; enfim, comendo o pão santíssimo e bebendo o*

¹¹¹ CABASILAS, *La vita in Cristo* 316.

¹¹² CABASILAS, *La vita in Cristo* 370.

¹¹³ Lc 22,19.

¹¹⁴ Hino de Vésperas.

¹¹⁵ Gal 4,4.

¹¹⁶ N. NABERT, *Liturgie intérieure*, Ad solem, Genève 2004, 12.

diviníssimo cálice, comungamos a mesma carne e o mesmo sangue que o Salvador assumiu»¹¹⁷.

O princípio geral é que a Liturgia é a fonte e o vértice da espiritualidade cristã, mas «*a participação na sagrada liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual. O cristão, chamado a rezar em comum, deve entrar também no seu quarto para rezar a sós ao Pai, segundo ensina o Apóstolo, deve rezar sem cessar*»¹¹⁸.

A vida espiritual, com efeito, apesar de se fundar na Palavra de Deus e na liturgia tem necessidade da catequese, da meditação, da oração pessoal, da caridade e de tantas outras dimensões da vida em Cristo.

A vida em Cristo, iniciada na existência e presente pelos mistérios da iniciação cristã, será perfeita na vida futura, onde ouviremos a Voz do Silêncio de Deus. Não existirá verdadeira espiritualidade litúrgica sem a experiência viva do que o sacerdote, bispo ou presbítero diz, em nome da Igreja, na Oração Eucarística II: «*Vos agradecemos, porque nos permitistes estar na vossa presença e, oferecer-Vos o nosso serviço*»¹¹⁹.

Conclusão

A Liturgia é a Bíblia transformada em oração: «*cada cristão, mas de modo particular o pastor, o exegeta, o liturgista, é aquele que tem numa mão a Bíblia e na outra o Missal. Nunca a Bíblia sem o Missal e nunca o Missal sem a Bíblia*»¹²⁰. A fé professada e transmitida pela Igreja é celebrada na Liturgia e irradia para a vida, na caridade. Recordemos as palavras dirigidas aos catecúmenos eleitos na *Traditio Symboli*: «*escutai as palavras da fé,*

¹¹⁷ CABASILAS, *La vita in Cristo* 103.

¹¹⁸ SC 12.

¹¹⁹ BOTTE (ed.), *La tradition apostolique* 4, 16.

¹²⁰ G. BOSELLI, *Il senso spirituale della Liturgia*, Edizioni Qiqajon, Bose 2011, 151.

*daquela fé que vos dará a justificação. São poucas essas palavras, mas encerram grandes mistérios. Recebei-as com sinceridade e guardai-as no coração»*¹²¹.

Quem verdadeiramente encontrou Cristo e se encontrou com Ele, tem de O anunciar e testemunhar na simplicidade do quotidiano. «*A liturgia é vida tornada arte*»¹²². Esta é a seriedade simples e bela da Liturgia celebrada e vivida na comunidade.

Como escreve o Papa Francisco: «*Por fim, a comunidade evangelizadora jubilosa sabe sempre «festejar»: celebra e festeja cada pequena vitória, cada passo em frente na evangelização. No meio desta exigência diária de fazer avançar o bem, a evangelização jubilosa torna-se beleza na liturgia. A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar*»¹²³.

A celebração da Eucaristia tem em si mesma o dinamismo da Missão, porque é «*fonte e ponto culminante de toda a Evangelização*»¹²⁴.

¹²¹ RITUAL ROMANO, *Iniciação cristã dos adultos* 186.

¹²² R. GUARDINI, *O espírito da liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2017, 81.

¹²³ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* 24.

¹²⁴ *Presbyterorum Ordinis* 5.